

ESCOLA DE HUMANIDADES
CURSO DE ESCRITA CRIATIVA

THAÍS DE MIRANDA E SILVA

DEUSAS DO AMANHÃ

Porto Alegre
2023

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

THAÍS DE MIRANDA E SILVA

DEUSAS DO AMANHÃ

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Escola de Humanidades, Curso de Escrita Criativa, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Tecnólogo em Escrita Criativa.

Orientador: Bernardo Bueno

Porto Alegre

2023

THAÍS DE MIRANDA E SILVA

DEUSAS DO AMANHÃ

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Escola de Humanidades, Curso de Escrita Criativa, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Tecnólogo em Escrita Criativa.

Banca em 30/11/2023 às 15h.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Bernardo Bueno (Orientador, PUCRS)

Profa. Janaína Baladão (PUCRS)

Pós-Doutoranda Natália Borges Polesso (PUCRS)

Porto Alegre

2023

Para os que me procuraram no fundo do
abismo e esperaram comigo, até eu ter forças
para escalar.

“Metáforas perturbadoras são sempre
mais fáceis de processar do que realidades
perturbadoras, elas diminuem nossas inibições,
o que nos permite envolver nossa capacidade
crítica de modo que, muitas vezes, não
acontece quando nos deparamos com traumas
na vida real.”

(TATAR, Maria. 2022)

RESUMO

Este trabalho é composto por duas partes: um ensaio reflexivo e um texto literário. O ensaio reflete acerca das tendências universalizantes de propostas narrativas como as elaboradas por Murdock e Campbell em *A jornada da heroína* (2022) e o *Herói de mil faces* (2013), respectivamente. Para tal, utiliza-se o conceito de *interseccionalidade*, seguindo a abordagem de Akotirene (2019) e a pesquisa de Oyěwùmí em *A invenção das mulheres* (2021) para fins de exemplificação e análise. O texto literário consiste nos capítulos iniciais do romance *Quando a vigília começar*, primeiro livro da saga *Deusas do amanhã*, uma obra de fantasia original.

Palavras-chave: Escrita criativa. Fantasia. Interseccionalidade. Jornada da heroína. Sujeito universal.

ABSTRACT

The following paper have two componentes: an reflective essay and a literary text. The essay reflects about the universalizing tendencies in studys drafted by Murdock and Campbell on *The heroine's journey* (2022) and *The hero of a thousand faces* (2013), respectively. For that, the idea of intersectionality, how describes Akotirene (2019), is used for example and analises, the same way the research of Oyěwùmí, *The invention of woman*. The literary text consist in the firsts chapters of the novel *Quando a vigília começar (When the vigil begins)*, first book in the serie *Deusas do amanhã (Goddesses of tomorrow)*.

Palavras-chave: Creative writing. Fantasy. Heroine's Journey. Intersectionality. Universal subject.

SUMÁRIO

1 PREFÁCIO	13
2 DEUSAS DO AMANHÃ: QUANDO A VIGÍLIA COMEÇAR.....	15
PARTE 1: O SEGREDO DOS DEUSES	16
Capítulo 1	16
Capítulo 2	22
Capítulo 3	25
Capítulo 4	31
Capítulo 6	38
Capítulo 7	42
Capítulo 8	45
Mas antes disso,	50
 3 O ASPECTO UNIVERSALIZANTE DAS JORNADAS DO HERÓI E DA HEROÍNA.	
56	
 REFERÊNCIAS	64

1 PREFÁCIO

Seria necessária outra pesquisa só para começar a analisar o impacto que sagas literárias exercem na formação de alguém. O que eu tenho sobre isso é a experiência pessoal, em que sagas — em especial as que envolviam um quê de magia — influenciaram minha personalidade, minhas crenças, meu crescimento, minha escolha de faculdade e este trabalho. Elas me tornaram leitora na infância, me salvaram na adolescência e continuam sendo uma grande parte da minha vida de jovem adulta.

Deusas do amanhã foi uma história concebida desde o início para ser uma saga, composta de quatro livros, sendo *Quando a vigília começar* o primeiro deles. Uma saga que eu comecei e apaguei muitas vezes. Que teve algumas dezenas de versões jogadas em lixeiras virtuais (então, nem tão descartadas assim), até que o prazo de entrega para este trabalho me obrigasse a seguir em frente com uma delas e me perder, me encontrar, me reencontrar e voltar a me perder no processo.

O que há de belo em que, com sua multiplicidade de arcos e periodicidade nas publicações, personagem e leitores crescem juntos. Eu queria falar sobre crescer, sobre mudar, sobre se apaixonar e ter que se desapaixonar quando o amor não é mais o suficiente. Queria falar sobre ansiedade, sobre se entender mulher, sobre entender que gênero é construído, sobre traumas e inspiração e as batalhas que escolhemos. Tinha dezesseis anos quando a primeira ideia para essa saga surgiu e adolescentes tendem a querer abraçar o mundo. Hoje, acho que essa é uma história, acima de tudo, sobre amizades entre mulheres.

Procurei referências para construir minha narrativa. Escolhi a mitologia grega como plano de fundo por me sentir mais confortável manipulando seus elementos e logo me vi misturando esses nomes e categorias com costumes aprendidos nos domingos de churrasco com minha família no interior de São Paulo, figuras folclóricas brasileiras e superstições que minha avó leva tão a sério quanto a ciência dos homens das academias. Mas a construção de mundo é só uma das partes que sustentam uma história.

Minha busca por caminhos para fazer essa saga acontecer me fez cair quase imediatamente na *jornada do herói*. Tentei usá-la. As tentativas, que já eram interrompidas cedo, passaram a mal começar. A universidade me apresentou a *jornada da heroína* e, na mesma medida, me identifiquei nela e me incomodei com ela. Não sabia o porquê, mas também não funcionava e me parecia um tanto inadequado. O mesmo aconteceu com a *promessa da*

virgem e com outros textos em que tentei encontrar refúgio e uma forma de contar as histórias de Fallon, Willa, Nefertari e Maliah (a última não presente no trecho destacado aqui).

Não é que as jornadas não funcionassem. Todas elas funcionariam e eu teria um livro pronto, talvez mais rápido do que o processo tem se mostrado até aqui, com certeza com mais facilidade, mas meu incomodo continuava lá.

Foi expandindo meu painel de referências que comecei a entender que outras perspectivas existiam e, com elas, não só novas formas de narrar, mas novas formas de viver, sentir, pensar e existir.

Eu não pensei em procurar por essas referências mais cedo porque acreditava que aquelas que já tinham eram não só únicas, mas as melhores. Meus ancestrais me ensinaram a pensar assim.

O ensaio que se segue à primeira parte do romance é, acima de tudo, um questionamento. Um questionamento que faço a mim mesma e que continuo fazendo. Um questionamento que proponho às minhas irmãs brancas, aos meus colegas homens brancos, aos meus colegas homens e aos pensadores do mundo ocidental.

Que exista uma graduação em Escrita Criativa e uma área acadêmica para que os escritores se formalizem e se fortaleçam como profissão permite questionamentos que em outras áreas não teriam tanto peso. Não mais análises da literatura já publicada ou das estruturas já existentes, mas das tecnologias para a criação dessas literaturas e das influências que acontecem nesse processo, não mais de forma inconsciente, mas em manuais e fórmulas. Nos permite pensar sobre esses processos e sobre a responsabilidade que repousa nas canetas.

Nos permite questionar, mais do que veio antes, o que pretendemos deixar para o futuro, os “deuses” que criamos para as próximas gerações se refugiarem quando procurarem suas referências. *As deusas do amanhã.*

2 DEUSAS DO AMANHÃ: QUANDO A VIGÍLIA COMEÇAR



Figura 1: imagem autoral. Ilustração de mapa fictício inspirado no texto.

PARTE 1: O SEGREDO DOS DEUSES

Capítulo 1

Se Willa de Deméter fosse uma árvore, estaria plantada em um vaso.

O que a ligava com o mundo era móvel e suas ambições se compactaram ainda cedo no espaço restrito que o destino lhe deu para crescer. Destino, plano dos deuses, o nome não importava. Era nisso que se fixava desde a primeira vez que ouviu sobre Thailah e a Profecia. Era o que a alimentava, no que crescia, onde viajava. Seu lar.

Por isso ficou tão surpresa quando o cenário de Ilma acendeu nela a sensação morna de familiaridade. Fazia tempo que não sentia isso, essa memória das raízes que lhe deram origem, das sementes afofadas na terra que deixou para trás.

Austhera, o país mais ao sul de Liraz, o pequeno continente escondido no Atlântico, ainda conseguia impressioná-la com a diversidade de paisagens. Não fazia nem duas horas que ela e o restante dos carros tinham saído de Austra — com seu cheiro de metal e horizontes rochosos — e já sentia o cheiro de sal, a intensidade diferente do vento que açoitava seu cabelo crespo pela janela aberta.

Olhava ao seu redor, ávida.

Tudo era familiar. Talvez fosse a arquitetura, os prédios históricos conservados em seus tons de bege e o estilo barroco, as ruas de paralelepípedos em que crianças corriam sem parar. Talvez fosse a mistura entre pontos turísticos e uma rotina de cidade pequena, as cores de pedra misturas ao verde das muitas praças entre as construções. Muitas árvores já estavam com botões prontos para florir. O sol da primavera vindoura tirava as senhoras de suas casas, elas conversavam com amigas enquanto vigiavam os netos e dividiam uma garrafa de café preto. Uma cidade viva, que pulsava. Era um movimento bem diferente da correria empregada da capital.

É, talvez fosse isso que a lembrasse tanto de casa, das tardes apanhando e comendo laranjas com sua mãe na soleira de casa, ao pôr-do-sol. No entanto, havia aquele som constante, cada vez mais alto conforme o carro seguia seu caminho: a cantiga das ondas. O maior lembrete do quão longe estava de sua mãe e sua cidade natal.

A paisagem urbana de Ilma foi substituída por outro trecho de estrada cercada por vegetação. A mata-atlântica reinava com suas folhas largas, árvores altas e frondosas, muitas frutíferas, misturadas com coqueiros que tornavam o verde algo quase homogêneo. O destoante era o azul do oceano, espreitando nas frestas entre troncos cobertos por trepadeiras e cipós. Aroma de terra molhada e musgo.

A proximidade com a escola para qual se dirigiam fez suas mãos suarem. Esfregou os braços, arrepiada por um frio que não vinha de fora. Sorriu quando notou o olhar de Quinn, com seus cabelos caramelos contornando o rosto fino de um lado e a cabeça raspada do outro.

— Já esteve em Ilma? — Quinn perguntou.

Willi negou com a cabeça antes de devolver:

— E você?

— Estudei aqui. Como quase todo adolescente da Capital.

— Estudei em casa a maior parte da vida. Não tenho muita experiência com escolas.

A resposta de Quinn, também no banco de trás do carro, foi interrompida pelo homem baixo e taciturno sentado no banco do passageiro.

— Bom, então Quinn conhece a Anciã. Ela é uma bruxa muito respeitável, admirável e tenho o privilégio de chamá-la de amiga. Ela tem grandes lições para o mundo e com certeza será de grande ajuda nos ritos do Equinócio. Deveria se esforçar para se aproximar dela, Willi. É um ótimo contato para a vida.

Willi sorriu em resposta.

— Claro.

Quinn revirou os olhos e apoiou o braço na janela. O sorriso de Willi para esse gesto foi genuíno.

Conviver com Gorgos exigia dela uma paciência que começava a se esvaír. A arrogância do conselheiro de Austhera só era superada por sua necessidade de validação, que alimentava a arrogância. Uma dupla ocre. A condescendência era o de menos. Willi torcia para ter uma folga dele nos próximos dias, ou que, pelo menos, fosse mais fácil evitá-lo ali do que tinha sido durante seu processo de seleção para o Comitê de Equinócio. Talvez ele tivesse algum respeito pela autoridade da Anciã na escola, mesmo que isso fosse difícil de acreditar. O conselheiro de Zeus já tinha se convencido há muito tempo que ter o cargo mais alto do governo vinha com bajulação e autoritarismo como parte do contrato.

Willi estava no mesmo carro que dois ídolos de Austhera. Gorgos de Zeus era um herói de guerra condecorado, político fervoroso e governante do país a quase tanto tempo quanto ela estava viva. Ahti, o motorista, era pelo menos meio século mais novo, bem mais próximo da idade dela. Era da linhagem de Poseidon e tinha sido nomeado há cinco anos.

Se lembrava de quando a nomeação foi anunciada na TV. Não que se importasse com política aos dezessete, nem tinha o hábito de ver televisão, mas aquilo ficou marcado. Limpavam a única sala com sinal de internet do acampamento no momento da nomeação e enquanto a capital cantava o hino de Austhera ao novo conselheiro, ela e Fallon descobriam o idioma úmido que só os corpos sabem.

Cruzou as pernas.

Cinco anos. Era muito tempo sem ver alguém, sem notícias. Tempo suficiente para que a mulher que estava prestes a reencontrar não passasse de uma estranha, por mais que fosse tudo, exceto isso.

Já não tinha certeza se o verdadeiro destino daquela viagem era a Academia Athena ou a professora que a receberia.

Esticou o braço para fora do carro e deixou sua mão ser guiada pelo vento. Aliviou parte da tensão que se acumulava em sua nuca e brotos surgiram, os galhos em seu encaixe encheram-se de folhas. Respirou, mais leve.

Continuou ali, a mão dançante do lado de fora, fazendo crescer toda planta ao alcance de sua magia e ouvindo a mistura do motor do carro, os pneus no asfalto e o mar ao longe. Aos poucos, tudo se tornou ruído branco. Willa mal conseguia acreditar que estava ali, no cerne do Conselho, o mais perto que qualquer idógeno poderia estar do governo sem integrar a instituição.

Willa trabalhava no jardim botânico de Austra, na preservação de espécies ameaçadas e articulação de medidas de preservação com entidades do mundo humano, para tentar reverter as mudanças climáticas que, por mais blindada que Liraz estivesse, já começava a mostrar seus sinais. Era uma cientista, lidava com plantas e por mais que incluísse alguma diplomacia no seu dia a dia, era de cientista para cientista. Não se dava bem com comunicação quando deixavam de lado terra, raízes, fotossíntese e métodos de plantio. Quinn trabalhava no judicial, com burocracia. Cuidava de documentos de imigração e cidadania, além do reconhecimento de Juramentos e o registro das linhagens. Tinha intimidade com a papelada. Não eram do mundo da política.

Essa era a intenção do Comitê de Equinócio: reunir pessoas, de áreas diferentes, com habilidades diferentes, para que juntas organizassem um dos eventos culturais mais importantes de Austhera e, por um tempo, ocupassem um lugar no Conselho. Dava a sensação de poder ao povo. Falsa, Willa suspeitava, mas ainda assim, uma sensação benéfica para a estabilidade. Ainda mais em épocas tão temerosas como na que estavam.

Quando se candidatou para o Comitê, sabia onde o evento seria realizado e o nome das locais que estariam na organização. Sabia que encontraria Fallon desde o começo, só tinha evitado pensar nisso.

Deuses, era irritante ainda ser tão afetada por ela.

Aos poucos, as árvores começaram a rarear, os coqueiros e palmeiras ganhavam mais espaço. A pavimentação terminava em um descampado largo, onde grama corria até a restinga, seguida da transição de areia entre o continente e mar.

Ahti estacionou o carro perto dos demais. Os treze membros do Conselho tinham se dividido entre os carros oficiais, alguns com motoristas, outros dirigindo. Um comboio de latarias pretas sobre quatro rodas.

Ilma era o centro cultural de Austhera, o lugar com mais turismo do país, grande parte pelas paisagens. Não era surpresa que todos os olhares fossem para isso: a mata, as praias, o oceano e seu encontro com o céu azul. Willa estava nervosa demais para olhar ao redor sem vomitar.

Soltou o cinto de segurança e abriu a porta já a procura da entrada da escola entre os vultos dos conselheiros se movendo. A Academia Athena se erguia com imponência, tão antiga e bonita quanto o centro. Na porta, três mulheres esperavam os recém-chegados: a Anciã, Nefertari e Fallon.

Pelo Olimpo. Muita coisa mudava em cinco anos. Ela, com certeza, tinha mudado, mas nunca deixaria de reconhecer Fallon. Onde quer que fosse. Quando quer que fosse.

Quinn estava sorridente quando chegou ao seu lado, acenava para alguns alunos do lugar quando começaram a caminhar até o antigo palácio.

— Primeiras impressões? — Quinn sussurrou.

— É lindo. — Willa sorriu.

— Parece nervosa.

— Me surpreende que você não esteja.

— Bom, pra mim, a pior parte já passou. A Anciã já era diretora quando estudei aqui e Fallon foi minha colega de classe por alguns anos.

— E Nefertari? O que sabe dela?

— A mesma coisa que todo mundo, Willa. Todos já ouviram as histórias dela.

— Histórias sobre ela — a idoj de Deméter corrigiu — Até ela decidir contar o que aconteceu, nenhuma dessas histórias é a dela. Não acredito em ninguém que fale com certeza demais do passado dos outros e você também não deveria. Às vezes, não confio nem em quem fala com certeza demais sobre o próprio passado...

Quinn abafou uma risada e passou um braço sobre os ombros dela. Willa segurou sua mão.

— Você é osso duro de roer, hein, florzinha? Vai se dar bem aqui, tenta relaxar.

Caminharam atrás do Conselho em silêncio. Não demorou para que o coração de Willa acelerasse e seu pescoço enrijecesse. Um torcicolo súbito. Esticou o braço ao lado do corpo e movimentou os dedos devagar. A grama ficou dois centímetros mais alta ao redor.

— Isso vai dar trabalho para o jardineiro depois — disse Quinn.

— Cala a boca, essa grama tá mais triste que ipê antes de florir.

Quinn franziu a testa.

— De onde caralhos você tira essas expressões?

— Gorgos, é um prazer recebê-los — Fallon interrompeu a conversa e arrancou memórias de Willa que a colocaram em posição de alerta.

Fallon estava tão linda quanto no dia em que se conheceram e todos os dias depois desse. Não era nada fácil ignorar sua presença em uma sala. Mesmo ali, entre as pessoas mais importantes do país, Willa se perguntava como qualquer um poderia estar dando atenção à outra coisa que não a idoj de Dioniso. Fez nascer uma violeta do chão quando soltou o fôlego e Quinn pulou de leve para o lado, para evitar pisar nela.

Ali estava, seu destino.

— Fallon, já deve conhecer Quinn — Gorgos começou — e essa é...

O conselheiro de Zeus abriu espaço para que eles subissem nos primeiros degraus da entrada e Willa viu o momento em que Fallon a reconheceu. Estava nos olhos, sempre nos olhos.

— Willa.

A idoj de Deméter se esforçou muito para parecer tranquila quando sorriu.

— Oi, Fall.

— Vocês se conhecem? — Quinn perguntou.

Como começar uma história? Sempre é a parte mais difícil.

— Participamos de um acampamento juntas, há muitos anos... — Fallon engoliu em seco.

— Cinco anos — Willa terminou.

Fallon umedeceu os lábios. Ela sempre foi péssima em disfarçar as coisas, Willa conseguia ler cada emoção estampada em seu rosto. O desconforto, a surpresa, a vergonha.

— Cinco anos. Parece bem mais e... bem menos.

Willa se permitiu olhar para ela, por inteiro, cada respiração consciente. Fallon estava com os cabelos soltos, aqueles cachos ébano que Willa uma vez teve enrolado nos dedos. Continuavam longos e em movimento ao redor do rosto, livres. Como Fallon sempre esteve. Quando se conheceram, a idoj de Dioniso não conseguia ficar parada, estava sempre fazendo algo ao ar livre, o tom de castanho da pele mudava entre o inverno e o verão pela intensidade do sol e ela tinha o riso fácil. A primeira parte não parecia ter mudado, mas a segunda... Fallon aparentava cansaço, estava séria e com dificuldade para manter o sorriso.

Willa também estava com essa dificuldade, mas vê-la na outra, doeu.

A mulher à direita de Fallon interrompeu as duas e se adiantou para um cumprimento que Willa aceitou. Deram um meio abraço e um beijo no rosto sem lábios. Bochecha com bochecha. Nefertari de

Afrodite fazia jus à sua reputação de beleza, o cheiro de hibisco, canela e maresia dominou os sentidos de Willa por vários segundos, até que se afastasse.

— Nefertari de Afrodite. É um prazer.

— O prazer é todo meu. E a senhora deve ser a Anciã. — Willa se dirigiu à última mulher na entrada do prédio. — É uma honra.

Não sabia bem como cumprimentá-la. Havia muitas anciãs por Austhera e Willa já tinha se encontrado com algumas delas, mas a mulher diante de si parecia bem mais inacessível. Sua postura era tão ereta que lhe deu o impulso de alongar a coluna e seus cabelos estavam presos em um coque tão repuxado que devia dar dor de cabeça.

— Seja bem-vinda, Willa — a diretora disse com um aceno — Espero que possa aproveitar sua estadia. Se me dão licença, tenho um dia cheio, mas as meninas estão disponíveis para lhes mostrarem o lugar e as acomodações. A Academia está muito feliz com a presença do Conselho nesse Equinócio.

— Claro, Anciã — Gorgos retomou o foco da conversa — Nos falamos mais tarde.

O conselheiro se esforçava para mostrar que podia tratá-la com menos formalidade, mas a bruxa continuou com a mesma expressão quando adentrou o prédio, subiu as famosas escadarias do saguão principal e sumiu de vista.

Willa percebia o movimento de funcionários desviando o fluxo de turistas pelo canto do olho. A Academia Athena era um lugar famoso, o Conselho era um grupo de relevância e popularidade e aquela combinação tinha tudo para dar errado. Um passo em falso e o Caos reinaria. Pelo visto os conselheiros estavam acostumados com protocolos e a agir como se essa movimentação ao redor não existisse. Ela não. Seu foco ficava mudando de Fallon para a grandiosidade do lugar em que estava, para o que o grupo conversava, para o que acontecia ao redor deles e de volta para a Fallon. Estava sobrecarregada e foi alívio que sentiu quando todos começaram a entrar e ela ficou para trás. Quinn deu um tapinha amigável no ombro de Fallon antes de seguir o grupo e, se conseguisse ignorar os funcionários organizando uma nova mudança na rota dos terceiros ali, podia dizer que estava sozinha com Fallon. Estava a dois degraus de distância dela. Dois degraus que ela não conseguia vencer.

— É bom te ver, eu acho — Fallon disse.

Willa desviou os olhos.

— Eu... eu quis te ligar.

— Você não tinha o número.

A idoj de Deméter acenou e mordeu a parte interna da bochecha. Suas mãos suaram outra vez.

— Você tá ótima.

— Você também, Willa.

Ergueu o olhar quando ouviu a afetação na voz da outra. Fallon olhou para baixo e indicou o interior do prédio com a cabeça.

— Vamos, antes que se afastem demais.

Willa olhou para a distância entre elas outra vez. Dois degraus.

Seu coração se partiu duas vezes. Se partiu duas vezes ao se colocar ao lado de Fallon e sobreviveu, mas isso já era esperado, era só o primeiro capítulo de uma história que os deuses encomendaram há muito tempo.

Sorriu e continuou em frente, partida mesmo. Era a única coisa que sabia fazer: crescer como uma árvore em um vaso.

Capítulo 2

Willa tinha a vaga consciência de que deveria prestar atenção nas orientações de Fallon para se achar dentro da escola, mas seu foco estava em outro lugar. No tato e em como ele percebia cada vez que a distância entre ela e a guia diminuía ou aumentava. No barulho que as sandálias da professora faziam no chão, em cada vez que seus olhos se esbarravam. Sua atenção era de Fallon. Tinha uma vantagem enorme: por mais nervosa que estivesse, sabia há semanas que esse encontro aconteceria. Fallon só soube algumas horas antes dela aparecer na porta.

Você não tinha o número. Era uma saída fácil para aceitar, mesmo que fosse mentira. Poderia ter ligado para a Academia e pedido o número para a diretora. Poderia ter achado o e-mail dela na internet. Poderia ter até pedido para a droga do Gorgos o número de telefone. Tinha tido muitas opções porque, diferente dela, Fallon não tentou fugir ou evitá-la. Ela só seguiu em frente e Willa ficou para trás, enraizada demais para superar e medrosa demais para tentar contato.

— Os alojamentos onde vai ficar são em uma parte separada do prédio, nem os turistas nem os alunos têm acesso. Fica alguns andares embaixo dos quartos dos professores. Eles têm uma cozinha improvisada no apartamento, então pode cozinhar, mas sinta-se à vontade para comer no refeitório. A maioria acaba indo para lá mesmo... Você ao menos tá me ouvindo?

Willa suspirou e olhou para Fallon. O marrom dos olhos dela parecia mais escuro do que ela se lembrava. Não tinham um toque de mel?

— Posso cozinhar ou comer no refeitório, entendi.

A idoj de Dioniso acenou com a cabeça, colocou as mãos atrás do corpo e seu olhar vagueou por alguns segundos, até encontrarem as mãos de Willa. Não soube o que fazer diante da análise escancarada e torceu os dedos. Era como aquele momento em que você abre as pernas para a ginecologista e não sabe para o que olhar.

— Não tá de aliança.

— Quê? — Willa olhou as próprias mãos.

As palmas mais rosadas que o restante da pele retinta guardavam calos do trabalho com as plantas e dos treinamentos de arco com as Caçadoras. Ainda sentia o peso da madeira entre os dedos, o

braço contraído com a força e os dedos ardendo com o atrito da crina esticada para trás. Sem nem perceber, sua respiração entrou no ritmo que foi ensinada a usar em batalha e cada vez que lembrava da sensação de soltar a flecha no ar, uma lufada de ar se libertava do peito. Deu uma piscada mais lenta e apreciou os dois segundos de escuro antes de encarar Fallon outra vez.

Claro que ela não sabia. Deixou as mãos caírem ao lado do corpo e deu um sorriso afetado.

— Não fiz o juramento às Caçadoras, Fall. Não tenho uma aliança.

— Não me chame assim.

Willa umedeceu os lábios.

— Não consigo te chamar de Fallon. Pra mim, você sempre foi só Fall.

Fallon desviou o olhar e engoliu em seco.

— Por quê?

— Você que disse para chamar...

— Por que não fez o juramento, Willa? Tava bem decidida da última vez que te vi. Seu propósito de vida, lembra?

O comentário doeu mais do que ela poderia ter esperado. Sabia que as coisas não seriam fáceis, mas aquela conversa tinha a sensação rançosa de gordura velha e fria na grelha de uma churrasqueira. Não era algo que motivava paciência ou autocontrole.

— As coisas mudaram e você não tava mais lá pra que eu pudesse te contar, ou só se lembra da parte confortável pra você? — Mordeu o lábio quando ele lhe traiu com um tremor. — Procurei você quando decidi, queria te dizer e você já tava longe.

— Ah sim, porque eu deveria ter ficado por lá, adivinhado que você mudaria de ideia ou quem sabe implorar por você depois de ter pisado em mim.

— Fall...

A professora parou de súbito, mais perto do grupo guiado por Nefertari, e apontou uma porta. Fallon era pelo menos um palmo mais alta que ela, o cabelo batia na cintura e o vestido laranja tinha alças finas que deixavam as clavículas e os ombros expostos. Era linda. Tão linda que dava raiva.

Os olhos da mulher a sua frente estavam vazios. Willa gostava mais quando via desejo brilhando em mel ali. Tinha certeza de que seus olhos já foram mais claros.

— Esse vai ser seu quarto, fique à vontade. Devemos receber o cronograma das festas logo, então podemos começar a trabalhar. Se precisar de alguma coisa, não hesite em pedir. — Houve um momento antes que ela completasse: — Nefertari ou a Anciã saberão como ajudar.

Willa quis revirar os olhos. Um jovem passou por elas e deixou a mala da recém-chegada na frente da porta, quando deu a volta, olhou para ela com a mais pura admiração e a idoj lhe cedeu um sorriso amigável, antes de voltar a ficar carrancuda para mulher a sua frente.

Isso era outra coisa com que teria que lidar: ser reconhecida. Gostava de caminhar sozinha, ficar sozinha, subir em árvores sozinha e passar pelas pessoas como um fantasma, mas ser do Comitê acabaria com isso. Já tinha começado a ruir. Não tinha nem 24 horas que seu nome tinha sido divulgado na mídia

e as notícias estavam em toda parte: a idoj da linhagem de Deméter mais poderosa dos últimos dois séculos; a idoj mais jovem a demonstrar tanto poder; a idoj que saiu do interior porque não tinha ninguém lá que soubesse como lidar com sua magia.

Quantas meias-verdades o Conselho ainda espalharia sobre ela por aí, só para fazer parecer que o país estava mais forte do que aparentava?

Ela não sabia que era tão fácil se tornar um peão no jogo deles.

— Acho que a gente precisa conversar — disse.

Fallon inspirou devagar e levou as mãos às costas outra vez.

— Eu tenho que dar uma aula agora e você deve tá cansada da viagem. Seja bem-vinda, te vejo por aí.

Fallon se afastou sem encará-la. Willa com certeza deveria ter prestado mais atenção, porque já não fazia ideia de como tinha chegado ali e muito menos como encontrar o tal refeitório, ou as salas em que deveria participar de reuniões com o Conselho. O prédio da escola tinha sido construído como um palácio. Seus corredores eram largos, o bastante para que a expressão “elefante na sala” pudesse ser literal. O rodapé era pelo menos cinco vezes o seu tamanho. As janelas deixavam muita luz natural entrar. As portas eram grandes demais.

Espaço era o que mais tinha e ela ainda se sentia confinada.

Girou a chave que já estava na fechadura da porta e entrou no apartamento com a mala. Não sabia se podia chamar aquilo de apartamento, tampouco era um quarto. Parecia uma mistura de suíte de hotel com os estúdios que universitários alugavam em Austra quando não queriam ficar no dormitório das faculdades: uma cama de dossel, espelhos, banheiro, cozinha integrada com a sala e uma TV pequena.

Trancou a porta e se jogou na cama. Deixou o colchão absorver seu peso e imaginou que ele também absorvia sua tensão, os segredos que faziam seus dentes rangerem durante o sono.

— Que os deuses me ajudem — murmurou.

Lembrava da primeira vez que os deuses responderam, a primeira vez que seu destino lhe foi exposto. *Faça o que pedimos e terá o mundo que deseja. Será recompensada.* Parecia um absurdo na época. Às vezes, ainda parecia. As gerações mais novas de idoj não davam tanto crédito às profecias e oráculos como os ancestrais costumavam dar. A fixação pelos planos dos deuses foi se esvaindo pouco a pouco e não poderia ter sido diferente.

Os deuses desapareceram.

Todos sabiam, desde crianças. Ouviam falar das epopeias e seus heróis, que lutavam e falavam com os deuses, da guerra que dividiu o mundo entre aqueles que aceitavam a magia e os que não a entendiam. Sobre a terra que os deuses deram para seus descendentes viverem em paz e, como depois disso, o Olimpo se calou. Reclusos, cansados dos problemas da humanidade.

Mas Willa ouvia os deuses claro como as broncas de sua mãe sobre andar descalça no chão frio. Falavam com ela desde que a idoj implorou por ajuda, sem saber que caminho tomar no juramento das Caçadoras. Desde que eles disseram para ela renunciar àquela vida.

Levantou da cama em um pulo e foi até a janela. Dali, via um jardim imenso, que se estendia até se confundir com a mata. O centro de Ilma estava longe, pequeno demais daquela distância. Mais longe ainda, a cidade em que cresceu. Observou a paisagem mudar enquanto o sol se punha. Tinha muito mais laranja nesse pôr-do-sol e até alguns tons de roxo, um horizonte diferente do que ela conhecia. Inspirou fundo e se concentrou para memorizar aquelas cores e as estrelas que apareciam.

Estendeu a mão com se pudesse tocar naquela aquarela. Os pelos de sua nuca se arrepiaram e ela soube que estavam ouvindo.

— Estou aqui. Mostrem-me o caminho.

E os deuses lhe sussurraram os segredos da Destinada.

Capítulo 3

Fallon queria bater com a própria cabeça em uma parede.

Eles mal tinham feito o primeiro comentário e ela já sabia que a aula renderia algumas conversas enfadonhas com pais indispostos a ouvir e entusiasmados para gritar, seguidas por uma discussão com a Anciã sobre a relevância de algumas pautas e como alguns assuntos deveriam ser ensinados. Ela acabaria estressada, os alunos descobririam que o desconforto aconteceu, o que aumentaria os debates que começaram tudo e ela teria que segurar a maldita bola de lama até o fim do semestre. De novo.

Claro, podia estar se antecipando, era especialista nisso, mas já tinha visto esse filme mais vezes do que gostaria nos últimos anos. Estava cada vez pior. Bastava mencionar *Thailah, guerra, norte* ou *Profecia* que o Caos era invocado da sua existência no cosmos para o colo da professora.

E pensar que ela achou que Histórias seria uma matéria mais tranquila de ensinar para adolescentes do que Estratégias Armamentistas.

— E você acredita mesmo que a Thailah, a tal Destinada do Olimpo inteiro, não leu a Profecia sobre sua própria vida? — um aluno esbravejou — Faça-me o favor! Ela sabe, todos eles sabem. Tão brincando com a gente, mantendo as coisas escondidas e deixando que as pessoas da fronteira se ferrem com os ataques do norte só pra não terem que admitir que tão errados.

— E quem são *eles*, exatamente? — disse outro — Até onde eu sei, a única pessoa viva que sabe a identidade de Thailah é a mãe dela. Que também sumiu, de novo.

— O Conselho, seu imbecil! Claro que eles sabem onde a Profecia tá, a senha do cofre ou sei lá o que mais que precisa pra chegar nela, mas eles sabem! Porque claro que eles defenderiam e colocariam um país em guerra por uma pessoa que nem conhecem. Isso faz *muito* sentido mesmo.

— Tanto sentido quanto os deuses terem escolhido uma idoj aleatória para se tornar a deusa da Nova Era e ainda deixar que ela viva entre mortais e humanos — uma aluna disse baixo e deu de ombros, justificando-se: — Só pra jogar lenha na fogueira.

Claro, porque alimentar aquele debate era, sem dúvidas, o que Fallon precisava naquele momento. A professora respirou fundo, fechou os olhos e massageou as têmporas com o dedão e o indicador. O debate se tornou uma cacofonia de opiniões. Thailah era real? A Profecia era real? Por que alguém inventaria isso? Por que alguém impediria que viesse à tona? Como alguém some no ar? Se ela existe, onde está? Ela é poderosa o bastante para se esconder. Por que se esconder por tanto tempo? Se ela é poderosa, do que tem medo? Ela vai deixar uma guerra acontecer só para se proteger? Então não pode ser uma deusa. Como se os deuses já não tivessem feito coisas mais mesquinhas, nunca leu um livro? Mas ela só poderia ser uma deusa, para que só seu nome causasse tantos problemas.

— O que você acha, profe?

Fallon encarou a inquisidora. Seus olhos estavam esbugalhados e a sala parecia compartilhar do interesse da aluna. Silêncio se instalou mais rápido do que se a professora mandasse todos calarem a boca, o que ela tinha cogitado. Bastante.

Suspirou. Não era com a turma que estava brava, não eram os debates que a estressavam. Isso é o que eles deviam fazer, por isso tinha se tornado professora. Pior seria se não fossem curiosos, mas seria ela quem teria que bancar isso fora daquela sala. E teria que bancar o que estava prestes a dizer.

— Eu não sei mais de Thailah ou da Profecia do que vocês. Gostaria de poder dizer algo diferente, mas tenho tantas dúvidas quanto vocês. Talvez mais.

Sentiu a energia mudar. Alguns alunos reviraram os olhos, desinteressados em ouvir qualquer coisa que confrontasse as ideias e impropérios que seus pais dedicavam ao povo do norte. Outros assentiram, empolgados para cair nas graças de uma autoridade. Tinham os que olhavam para baixo ou para a janela. Evitavam os olhos da professora, com medo de que ela visse a dúvida e a insegurança de seus pensamentos. Fallon tinha mais do que algumas pistas que a sociedade falhara, mas ver jovens com medo de terem perguntas era a maior delas. Sempre foi.

Por isso, quando se virou, abriu a porta da sala e pediu que os alunos a seguissem, pensou em todos eles, mas o fez por causa daqueles com a cabeça baixa.

A Academia Athena era um dos colégios mais bem conceituados de Austhera e com certeza o mais famoso. Fallon amava o lugar. Não era só estar em contato com os adolescentes e crianças que a inspirava, era o próprio prédio. As memórias que emanavam de suas paredes a cada passo que dava.

Guiou os alunos pelos corredores bem iluminados até o saguão principal, um espaço amplo que acessavam pela maior escadaria do antigo palácio. Uma escada tão famosa que tinha nome, uma homenagem ao seu arquiteto. Fallon se lembrava de uma vez que estava almoçando no refeitório e viu uma turista tirar foto da lixeira. O homem que estava com ela brigou, disse que aquilo já era perder a cabeça. Era obsessão.

Fallon entendia bem a turista. Só não era chamada de louca porque ninguém tinha bisbilhotado a galeria do seu celular.

— O que estamos fazendo aqui?

Murmurinhos deram eco à pergunta do aluno e Fallon sorriu enquanto terminava de descer os degraus. Olhou para cima e, como sempre acontecia, se sentiu pequena. E que bom era se sentir insignificante. Em perspectiva, as responsabilidades da sua rotina pareciam só... idiotas. Com certeza podia pensar em uma palavra melhor, mas gostava dessa. Talvez fosse o pé direito alto, ou a consciência dos nomes que já tinham pisado naquele mesmo chão. No fundo, não importava, desde que ela continuasse gostando da sensação.

Aquela sala era um dos seus lugares favoritos no mundo.

As pilastras de pedra clara subiam até um teto abobadado com uma abertura de vidro que iluminava tudo em tons amarelos e laranjas. Ao redor da claraboia, começavam os afrescos, que continuavam e se estendiam por todo o teto, em cada parede e no chão, esse último coberto por um vidro a prova de balas que ela mesma tinha mandando colocar quando foi contratada. Fallon quase teve um treco quando descobriu que eles deixavam todo mundo *pisar* naquela arte sem nem ter cogitado algo tão simples quanto vidro. A próxima coisa de que correria atrás era um sistema de ar-condicionado e desumidificação do ar para preservar as pinturas. Só precisava treinar mais sua paciência antes, ainda tinha arrepios quando lembrava de tudo que passou no processo daquele vidro.

— O que vocês veem aqui? — perguntou.

Os alunos olharam ao redor, alguns mais atentos do que outros e ela esperou pela resposta, sem pressioná-los.

— São os grandes homens e os grandes feitos do nosso povo. Nossa história.

Fallon acenou com a cabeça.

Era como estar dentro de um caleidoscópio. Naquelas paredes, artistas representaram pessoas e eventos como uma coisa fluída, mesmo quando séculos os separavam. Era como ela achava que histórias deveriam ser vistas: múltiplas, contínuas, simultâneas. Quão fácil seria a realidade se as coisas se separassem em grandes eventos, fases e diagramas como nos livros didáticos?

— Amo histórias e artes, vocês sabem disso.

— Com todo respeito, senhorita Fallon, isso é um eufemismo.

A turma riu com o comentário. Ela também.

— O que não costumo dizer em sala de aula é que histórias, ou a nossa história, é uma mentira. Esta sala precisou de 53 anos, quatro mentes brilhantes e muitos assistentes dispostos a suar e pensar para ficar pronta, mas conta coisas de muito antes. Não é um retrato dos fatos como ocorreram, mas uma visão deles.

— Mas fatos não mudam — uma aluna argumentou.

— Então acho que nunca chegamos aos fatos.

Alguns alunos se sentaram na escada para ouvi-la, outras pessoas que passavam pararam para ver do que se tratava. Fallon tinha facilidade para falar público, gostava da sala de aula, da posição em que estava. O aumento de pessoas ao seu redor não a abalou, mas só por ainda estar sendo professora. Distante dos alunos, atenção demais a deixava nervosa.

— Nunca conseguimos ter um retrato exato do que aquelas pessoas sentiam, viviam ou pensavam. Sempre que olhamos para o passado, analisamos com o conhecimento que veio depois — continuou. — É uma narrativa. E narrativas são influenciadas por quem venceu, por quem as conta, por quem está ouvindo. Afeta como vemos as coisas ao nosso entorno. Estou dizendo tudo isso porque sei que as coisas não têm sido fáceis. Tem notícias demais chegando a todo momento, dúvidas demais, preocupações com o futuro, mas essas preocupações não são de vocês. Não devem ser. Pelo menos, não ainda.

Um aluno, mais a frente dos outros, bufou.

— O destino do nosso mundo e de uma guerra que pode acabar com nosso país parece bastante da minha conta, mesmo que tentem deixar a gente de fora.

— Não devem ignorar o que está acontecendo e muito menos aceitar serem deixados de fora. Precisam pensar no mundo que querem deixar para ser pintado nas próximas paredes, mas não quando isso passa por cima de vocês. — Abriu um sorriso largo e apontou a escadaria que eles ocupavam. — Vocês olharam para cima, agora olham para baixo.

Os pés se moverem rápido e logo ficou nítido para Fallon o detalhe que mais gostava naquele saguão: nos degraus em forma de S, bem mais largos que o necessário, perto de cada corrimão a pedra branca estava afundada. O desgaste era nítido no declive de tom mais escuro, nas margens que abandonaram seus ângulos retos para adotar a forma roliça de onde solas de sapato deslizaram ano após ano. Subindo e descendo. Perseguindo sonhos, cumprindo obrigações, fugindo, carregando fardos, se apaixonando, cansados, esperançosos, em luto, com medo, alegres. Subindo e descendo. Uma vez após a outra.

— Muita gente já passou por aqui. Seus rostos não estão pintados em murais ou, como foi que disseram? Com os grandes *homens* e seus grandes feitos, mas seu peso deixou uma marca no mundo tão visível quanto todos esses afrescos. Se concentrem em uma coisa de cada vez e eu prometo o mundo não vai engoli-los. São vocês que constroem ele.

Naquele segundo, quando viu um pouco de alívio nos rostos antes tão transtornados, Fallon quis acreditar naquilo também. Quis com todas as forças.

Inspirou e levou as mãos para as costas. Puxou a pele das cutículas com as unhas. Ao menos nenhum dos alunos parecia ter percebido que em todo aquele floreio, ela não tinha respondido coisa alguma sobre o debate. Até se sentiria mal por engabelar eles de forma tão descarada se não soubesse que isso garantiria seu emprego para lutar mais um dia sem que comprometesse os próprios valores no processo.

O mundo tinha engolido ela sim. Lutava para que não engolissem os próximos.

Dispensou a turma e foi buscar suas coisas na sala. Estava trancando a porta pelo lado de fora quando uma silhueta se aproximou por trás e esperou ali, apoiada na parede do corredor, perto de uma janela. Fallon sorriu para Nefertari e deixou seus ombros cederem um pouco ao lado da amiga.

— Vi vocês no saguão. Algo especial ou tava cansada da sala?

Todos na Academia já tinham se acostumado com as saídas de Fallon da sala de aula. Por mais que nem todos acreditassem, não era por ser do contra, às vezes só tinha a urgência de estar em um lugar mais aberto e outras, sentia essa urgência nos seus alunos. Até onde sabia, não havia nada que provasse que esses precisavam de menos luz do sol para aprender.

— Começaram a debater.

Nefertari ergueu as sobrancelhas.

— Você instigou ou...

— Começaram a debater sobre a veracidade da Profecia.

Sua amiga assoviou e as duas começaram a caminhar.

Nefertari tinha a mesma altura que ela aos olhos, mas Fallon desaparecia perto dela. Todos sumiam. A idoj ao seu lado era da linhagem de Afrodite e fazia jus ao legado do nome. Não era sobre aparência, era a energia e como ela sabia usar isso a seu favor. Sua ascendência latina ficava mais evidente com o bronzado na pele de quem passa tempo demais no mar, o que também deixava rastros queimados de dourado nas espirais escuras que caíam por seus ombros. Os cílios longos adornavam um olhar que intimidava. Qualquer um que olhasse por algum tempo para as íris esverdeadas de Nefertari reconhecia ali uma profundidade que afoga. Fallon amava.

Alunos passeavam pelos jardins da escola, outros estavam deitados na grama e Fallon reconheceu um bom número de turistas. O lugar era cheio o ano todo, mas as visitas triplicavam perto do Equinócio e na semana do evento, a cidade ficava com gente saindo pelos ladrões. Puxou um pedaço de cutícula com força do dedão quando pensou na quantidade de coisas que teria que fazer para o festival que se aproximava. Sangue verteu do lugar e ela levou o dedo à boca para estancar.

— Eles já deveriam estar aqui, temos uma caralhada de coisa pra fazer — Nefertari reclamou.

O Equinócio de Primavera era a festa mais importante de Austhera e todos os anos o Conselho montava um comitê das pessoas chamadas de “mais dignas e capazes de conduzir a organização dos ritos”. Fallon sabia que seria estressante assim que se candidatou para a vaga com Nefertari, mas suas previsões do que teria que lidar não incluíam Willa ressurgindo em sua vida.

Só pensar no nome dava palpitações. Estava se esforçando muito para não vê-la, falar com ela ou sequer pensar em Willa de Deméter. Acabou que se esforçar tanto para isso a deixava tão nervosa quanto pensar nela de uma vez.

— Falando nisso, preciso de um favor. Pode trocar de tarefas comigo hoje?

Nefertari a encarou, insinuação já brilhando nos olhos.

— Achei que queria ficar com os trabalhos nos templos.

— Eu sei o que eu queria, mas...

Fallon viu quando Willa e Quinn desceram as escadas da entrada da Academia e olharam ao redor, procurando por elas. Willa estava com uma jardineira jeans escura por cima de uma camiseta branca, o cabelo crespo estava preso para o alto com uma faixa azul e usava chinelos. Soube quando Willa a encontrou pela mudança na postura, todo o corpo ficou tenso. Fallon tinha certeza que acabaria arrancando uma unha antes do fim daquele tormento.

— Ah, mas você não quer trabalhar nos templos *com ela*.

— Não me leia, Nefertari — a voz saiu mais áspera do que queria.

— Acredite ou não, Fallon, não preciso te ler pra saber o tá sentindo. Vai me contar? — A professora continuou em silêncio e Nefertari cruzou os braços sobre o peito. — Considerando que você precisa que eu te livre da companhia dela, mereço ao menos saber o porquê, ou posso simplesmente dizer não e te deixar com essa cara de quem tomou leite azedo pelo resto do dia.

— Você é fofqueira demais, sabia?

Nefertari apenas sorriu e umedeceu os lábios antes de perguntar:

— Por que terminou?

Engoliu em seco. As lembranças eram agrídoces em sua língua, como o enjoo depois dos doces das festas de Hécate e comer chocolate demais na TPM. Enjoo saciado.

— O que sempre acontece. Coisas deram errado, pessoas saíram machucadas.

Nefertari olhou para trás de forma discreta e enfiou as mãos nos bolsos da calça quando voltou a olhar para a professora.

— 99% de certeza que ela tá parada daquele jeito tentando decidir o que rola entre a gente.

Fallon revirou os olhos.

— Ela não seria a primeira a achar que somos um casal. Nunca dei bola pra isso e não vou começar a dar agora.

— Ainda gosta dela.

A idoj de Dioniso soltou um muxoxo sofrido e cobriu os olhos por alguns segundos, a voz manhosa quando disse:

— Não me pergunta isso, já tô com coisa demais pra pensar. Os alunos perguntam se precisam se preparar pra uma guerra, a Anciã quer me matar toda vez que os incentivo a fazer perguntas sobre Thailah e tem a porra de um imperador estrangeiro ameaçando jogar uma bomba se não entregarmos uma pessoa que *nem sabemos se existe* e...

— Tá legal, já chega.

Nefertari segurou seus ombros e forçou que Fallon encarasse os oceanos esverdeados em suas íris. O mundo não tinha ar o bastante para que continuasse respirando.

— Vamos dar um jeito. Nenhuma guerra vai acontecer, nenhuma bomba vai ser lançada, já entramos no Comitê, lembra? Vamos ter a primeira reunião com o Conselho amanhã e vamos fazer como planejamos. Para de carregar tudo isso sozinha, é um país inteiro que tá sendo ameaçado, não você. Egocêntrica do caralho.

Fallon riu com um aceno, mesmo que ainda se sentisse em areia movediça. Seus olhos voltaram para o ponto atrás de Nefertari. Willa e Quinn tinham começado a caminhar na direção delas.

— Ela ainda mexe com você e não só do jeito estranho de ex. — Nefertari tirou as mãos dos seus ombros e se afastou um pouco. — Eu fico com os templos e vou precisar de mais detalhes dessa história mais tarde.

— E se a gente pulasse essa parte e você só aceitasse me ajudar?

— Vou te ajudar de qualquer jeito, querida, mas meu lado fofoqueiro precisa de respostas. Ninguém resiste a uma boa história.

Fallon sorriu e relaxou os ombros. Agradeceria a Nefertari por aquele pequeno alívio mais tarde, a idoj de Afrodite tomou a frente para encontrar com a outra metade do comitê no meio do caminho e depois de uma conversa rápida, Quinn vinha em sua direção com um aceno, enquanto Willa e Nefertari seguiram para o outro lado.

Sorriu para sua dupla de trabalho e ajustou a postura.

Não deixaria Willa a distrair do que precisava fazer, não com tanta coisa em risco, e era melhor Nefertari parar com as perguntas, porque ficava muito difícil ignorar seus sentimentos quando ela os jogava na cara.

Capítulo 4

Willa não precisou de muito tempo para perceber que Nefertari não se incomodava com silêncio. Durante todo o trajeto de carro até o centro de Ilma, a idoj de Afrodite não tentou iniciar uma conversa, não fez comentários sobre o clima ou a paisagem, tampouco ligou o rádio. Era provável que não se importasse com um pedido por música, mas Willa estava desconfortável em pedir, mesmo quando o silêncio era uma das coisas que mais odiava. Tinha a sensação de que com o menor dos movimentos no banco do passageiro, Nefertari saberia de todos os seus segredos.

A idoj de Afrodite só falou depois de estacionar o carro e o fez sem qualquer amenidade comum a desconhecidos:

— Como você e Fallon se conheceram?

O ar que expirava retrocedeu como um gato acuado e Willa se engasgou no próprio fôlego.

— O quê? Por quê?

Nefertari tirou as mãos do volante, relaxada, e sorriu, apoiando o cotovelo na janela fechada do carro.

— Tá com tanto medo que eu te leia que seria um desperdício de tensão se eu não tentasse.

— Então você percebeu.

— Willa, você tá com as unhas enfiadas no couro do banco. Não precisa ser empata pra perceber. Na verdade, na maioria das vezes, eu nem preciso usar a magia, as pessoas se assustam só com o que eu observo e saem falando todo resto. É sério, precisa relaxar.

— As pessoas normalmente acreditam nesse discurso? Porque eu não comprei uma palavra do que disse e tenho certeza que tá tentando ler meus pensamentos agora mesmo.

Nefertari sorriu outra vez, felina demais para que Willa descontraisse.

— Querida, se eu quisesse te ler, você jamais saberia. Se me perguntasse, eu provavelmente diria que não e você não acreditaria, ou poderia dizer que sim sem nem ter lido, só para você entrar em pânico e cair no blefe de um jeito ou de outro. Em qualquer cenário eu continuo sabendo o que quero e você continua sem saber se eu estive ou não na sua cabeça. E só pra constar, eu não leio *pensamento* nenhum. Não sou telepata, eles são grosseiros e nada sutis.

Willa abriu a boca para falar e a fechou outra vez. Desviou os olhos de Nefertari para a praça visível do retrovisor.

— Você deu um belo nó na minha cabeça — admitiu. — Não entendi uma palavra do que acabou de dizer.

— É, eu costumo ter esse efeito nas pessoas.

— O que quer dizer com não lê pensamentos? Toda sua reputação se baseia nisso.

A respiração de Nefertari ficou mais pesada. Sua voz estava menos displicente quando voltou a falar e Willa notou dela as graves notas da dor.

— Não deveria acreditar em tudo que dizem por aí.

— Não acredito. Por isso tô perguntando pra você.

— Eu leio emoções. Sejam as superficiais, aquelas que sabe que tá sentindo, ou as que seu inconsciente se esforça para esconder. Essas últimas demandam muita energia e tempo. Posso manipular uma sensação ou outra também, mas nada grande.

— Como o quê?

Nefertari deu de ombros.

— Fiz uma criança perder o medo do Curupira depois que a mãe ficou um mês sem dormir e bateu na minha porta em puro desespero. Fiquei sabendo que agora ela desenvolveu uma fobia paralisante de borboletas. — Willa abafou uma risada. — Também dizer muitas coisas sobre você.

— Também não deveria levar todas a sério. Se tem uma coisa que o Conselho sabe fazer é propaganda.

— Ah, eu sei, afinal, fui o brinquedinho deles por anos.

A boca de Willa se encheu de areia. Nefertari inclinou a cabeça para o lado, curiosidade faiscando no olhar.

— Isso te incomoda.

— Que você esteja me lendo na cara dura? Com certeza.

— Eu ter me chamado de brinquedinho te incomodou. Interessante.

— Não tem nada de interessante em achar desconfortável que humanos sejam comparados a objetos.

— Ficaria surpresa — suspirou. — Não me respondeu, a propósito. Como você e Fallon se conheceram?

Dessa vez a pergunta não a chocou. Dessa vez, a fez se lembrar.

O dia em que a monitora do acampamento apresentou Fallon ao grupo emergiu e se dissolveu na realidade como um pedaço de algodão-doce sobre a língua. Willa não impediu que o calor subisse até suas bochechas, ou que as piscadas ficassem mais lentas e a conhecida letargia da mistura de polos como alegria e tristeza se apossasse dos seus nervos. Quando já tinha acumulado lágrimas o bastante para que uma escapasse, as afastou com um balançar da cabeça e olhou para a famosa espiã ao seu lado, aquela que rendeu vitórias ao Conselho e era conhecida em toda Austhera como uma das mulheres mais perigosas viva. Dentro do carro, ela só parecia cansada.

— Conseguiu descobrir o que queria? — perguntou

— Tô começando.

Willa não conseguia parar de sorrir. A praça estava *barulhenta*.

Tinha pipoca doce estourando em um carrinho com lona colorida, um adolescente sentado no coreto, tocava violão, enquanto seus amigos jogavam cartas. Crianças corriam atrás de bolhas de sabão que um vendedor de cocada fazia, outro grupo corria atrás de um gato laranja, tentando agarrá-lo para vesti-lo com um tutu. Um cachorro preto tinha acabado de quase derrubar uma senhora idosa, abanando o rabo quando ela lhe deu um pedaço de carne. Um homem estava abrindo cocos verdes com um facão, depois dava a casais que saíam juntos, dividindo a polpa. Pouco depois dela e Nefertari terem descido do carro, um ônibus parou na frente de uma pousada e pelo menos quinze pessoas desceram carregadas de mochilas e malas com rodinha, pochetes amarradas na cintura e celulares em mãos, apontando para tudo que havia de mais banal-extraordinário.

Era difícil continuar concentrada com tantos estímulos. A praça tinha cheiro de groselha, açúcar queimado, protetor solar e peixe frito. E mais uma dezena de coisas que não conseguia decifrar. Tinha barulho de vida.

Assim que ultrapassaram o coreto, viraram numa rua tomada pelos mesmos prédios de cinco andares com fachadas tombadas. Tudo, dos paralelepípedos irregulares da rua sem asfalto, às varandas contornadas por arabescos, era patrimônio histórico. É óbvio que Fallon tinha se mudado para aquele lugar, estava cercado por tudo que a idoj mais amava.

Os prédios pareciam uma coisa só, o que fazia sentido já que foram construídos como um complexo único, onde a nobreza vivia. Todas as varandas tinham flores e vendedores ambulantes lhe ofereciam coroas para o Equinócio, pulseiras de deuses ou rosas a cada passo, mas Nefertari passava ileso das investidas.

— Por que eles cismaram comigo? — perguntou, irritada.

— Porque você tá com essa boca aberta de catar mosca. Tá na cara que é turista. — Ela riu. — E eu tô aqui toda semana, eles me conhecem.

Só para comprovar o que a idoj de Afrodite dizia, uma mulher gorda saiu correndo de uma padaria pela qual passavam, acenando com um pano de prato.

— Nefertari, vai querer o bolo de fubá ou de laranja hoje, querida?

— Adoraria, mas vim a trabalho.

Ela apontou para Willa quando disse isso e foi o bastante para apaziguar a padeira que voltou para dentro. A idoj de Deméter apertou o passo quando Nefertari ganhou alguma vantagem na caminhada. O cheiro de pipoca da praça foi substituído pelo de pães saindo do forno e logo depois, de grama recém-cortada e cebola frita dos vários bistrôs abrindo e montando suas mesas na rua.

Precisava ter algo errado, porque a sociedade não é assim. Na maioria das vezes, tem cheiro de urina e lixo.

— Esse lugar é sempre assim?

— Assim como?

Willa procurou as palavras em sua mente, mas não existiam. Incrível como adjetivos insuficientes para as coisas que mais precisam deles.

— Seguro — decidiu.

Nefertari arqueou as sobrancelhas.

— Olhe outra vez, Willa. Se tivesse aceitado aqueles coroas de flores já teria perdido uns cem contos. Na verdade, é melhor garantir que ainda tá com sua carteira.

— Não, não é isso que eu quero dizer... — apressou o passo outra vez. Era ela que estava parando ou Nefertari que estava correndo? — Quero dizer que as pessoas não estão mais preocupadas do que já estariam normalmente.

— É claro que estão. A cidade tá bem mais agitada, já tá começando a encher para o Equinócio...

— Nefertari, não tô falando de nada disso! Na Capital não tem crianças na rua, nem comerciantes empolgados com a cidade cheia. As pessoas têm toque de recolher, medo de bombas, andam armadas e olhando por cima do ombro. Na verdade, não sei se um dia aquele lugar esteve longe da guerra. É tudo que conhecem. O conflito já chegou por lá.

Nefertari estacou e Willa tinha se esforçado tanto para alcançar seu ritmo que ficou tonta por um segundo quando olhou para trás.

Não era só a fama de seus poderes empatas e manipulativos que se alastravam por Austhera. A idoj de Afrodite era mais famosa, na verdade, pela habilidade de se transfigurar em qualquer figura humana que pudesse imaginar. Um poder raro demais, mesmo entre a linhagem da deusa da beleza. Naquele momento, no entanto, Willa se perguntou se esse poder de fato existia ou se tinha sido tudo uma confusão, porque a mulher diante dela não era a mesma de segundos antes, mesmo sem ter mudado um fio de cabelo.

Nefertari fixou os olhos repletos de violência em Willa e rangeu os dentes enquanto se aproximava. Não a amiga da padeira, ou a orientadora de adolescentes, nem a mulher cansada atrás de um volante. Se esforçava para não deixar que boatos influenciassem o que pensava das pessoas, mas era impossível não pensar nos sussurros que ouvia por aí enquanto Nefertari chegava mais perto.

Ardilosa. Venenosa. Manipuladora. Cruel. Perigosa.

Mortal.

— Não tem guerra nenhuma declarada e, se depender de mim, não vai ter. — Seu rosto relaxou um pouco e ela voltou a andar. — Vamos logo, temos muito trabalho.

Willa suspirou.

Sabia que sua colega de Comitê não estava brincando, tampouco o imperador do norte com suas ameaças cada vez mais frequentes. No fundo, ele não queria uma guerra, mas arriscaria isso para ter em mãos o único poder que importava.

A segurança de Austhera pela Destinada do Olimpo.

Willa também não queria uma guerra, mas deixaria que os dois reinos se destruíssem em fogo e pólvora antes de revelar o que sabia sobre Thailah. Nem as leituras de Nefertari arrancariam isso dela.

Capítulo 5

A porta ao seu lado se abriu devagar e uma fila de alunos começou a sair. Willa sorriu para os que a notaram e lançou um olhar para dentro da sala. Fallon estava com o cabelo preso em um coque despojado, duas espirais castanhas soltas ao redor do rosto. A professora riu para os alunos com quem conversava. Sua risada fazia o nariz mexer de leve, uma imagem que ela não fazia ideia do quanto sentia falta, até rever.

Sabia que a afeição da idoj não era essencial para cumprir seu trabalho no Comitê — conduzir os ritos de juramentos e os sacrifícios de Equinócio aos deuses — nem para a outra coisa que a tinha levado até ali, mas mesmo que colocasse seus sentimentos de lado, coisa que nunca foi boa em fazer, a determinação de Fallon em evitá-la complicaria as coisas. Ainda mais porque não era inocente de pensar que Nefertari entraria na organização de uma festa do Conselho sem segundas intenções e, se a intimidade entre ela e Fallon nos momentos em que estavam juntas era indicativo de algo, a professora sabia o verdadeiro motivo. O pensamento até fazia Willa sorrir. Tramar coisas debaixo do nariz do Conselho se parecia muito com a Fallon que ela tinha conhecido. Talvez as coisas não tivessem mudado tanto assim.

Só talvez.

Porque em outra época, ela seria a mulher ao lado de Fallon ajudando com as tramoias e agora, faria de tudo ao seu alcance para impedir o que quer que as duas estivessem pensando em fazer, se colocassem os planos dos deuses em risco.

Pensar em agir contra ela doía em lugares que Willa não sabia nomear e ainda assim, era o único motivo dela sair da cama todos os dias. Seu propósito, a vida que escolheu para si. O vaso em que se plantou.

Os alunos enfim se afastaram de Fallon e ela terminou de guardar as coisas em sua bolsa. Willa tinha notado a admiração dos alunos por ela e o orgulho que sentia disso era de fundo possessivo. Era a *sua* Fallon que os conquistava, porque em todas as imagens que tinha, ela ainda era sua. Em todas as lembranças que ela alimentava, Fallon ainda era Fall.

— Fall Fall — ela cantava na mata e a idoj de Dioniso ria.

— Minha Willa.

Gargalhavam e caíam na grama. Os beijos tinham gosto de amora.

— Willa, posso te ajudar?

Acordar de sonhos é bem pior quando são sonhados com os olhos abertos.

Fallon estava na sua frente, trancando a porta da sala e sua mandíbula ficou tensa. Era impessoalidade que doía, mais do que raiva, mais do que frieza, mais que rancor. A indiferença é a maior arma contra corações apaixonados.

— Na verdade, pensei que podia me guiar até a sala de reunião do Conselho, ainda tô completamente perdida aqui.

Faça um comentário ácido sobre como eu consegui te achar.

— Infelizmente não vou poder te ajudar, eu e Sibila temos uma reunião com a Anciã, acredito que não conseguirei assistir ao Conselho.

Só quando foi mencionada, Willa notou a menina atrás de Fallon. Ela era pelo menos uma cabeça mais baixa que a professora, cabelos pretos como carvão batiam nos ombros. Tinha duas obsidianas nos olhos e uma gargantilha com três luas adornava seu pescoço. O símbolo de Hécate. Seus olhos pularam desse objeto para o pulso direito e encontrou o que esperava: um nó de bruxa. O desenho parecia um losango, mas no lugar dos ângulos retos, os cantos se uniam em loopings. No centro, um círculo interseccionava os traços. Tinha sido desenhado à mão, de forma simples, como sempre eram.

A menina, Sibila, mordeu o lábio e trocou o peso entre os pés.

— Ah, eu vou indo. Senhorita Fallon, te encontro lá.

Fallon acenou e a menina saiu apressada pelo corredor. Willa cruzou os braços e se encostou na parede ao seu lado.

— Precisamos conversar — disse.

— Não é um bom momento.

— E quando vai ser?

Fallon enfiou a chave na bolsa larga que tinha pendurado no ombro e desviou dela, caminhando pelo corredor. Willa logo se virou, deu dois passos e agarrou seu braço. A mulher se afastou do toque como se tivesse levado um choque.

Seu corpo se retraiu com essa reação e algo parecido com azia lhe subiu pela garganta, mas era mais... amargo. Como bagaços de laranjas.

Abriu os braços em sinal de desistência e deixou que eles caíssem ao lado do corpo, moles.

— Vai mesmo ser assim?

— Não sei o que esperava — Fallon disse baixo e respirou fundo. — Olha, não temos que fazer isso, ok? Foi tudo há muito tempo, tá no passado. Já te perdoei e podemos só seguir em frente, sem precisar ter essa conversa desconfortável, certo?

Willa não respondeu de imediato, o que Fallon pareceu ter tomado como uma concordância. Quando a parte funcional do seu consciente enfim processou o que tinha acabado de escutar e dissuadido as outras mais amigáveis de que pudesse ter sido um engano, aconteceu na idoj de Deméter algo que nunca acontecia. Ela ficou com raiva.

— Pera aí. — Se apressou e parou na frente de Fallon. — Pelo que *exatamente* você acha que precisa me perdoar, Fallon?

A professora bufou. Ela estava mesmo *bufando*?

— Não quero fazer isso aqui e nem agora.

— Ah, mas você vai, porque eu tô ficando bem cansada de correr pra baixo e pra cima nesses corredores desnecessariamente confusos como se te devesse alguma coisa, o que, pelo jeito, você acha que eu devo. Então, me diz, pelo que tô perdoada? Por não rastejar atrás de você quando me largou naquele acampamento no meio da noite?

Fallon arregalou os olhos, sua cabeça foi um pouco para trás e no segundo seguinte, estava entre o riso e o choque. Esfregou a mão na própria boca e olhou para Willa como se ela estivesse louca. Deuses, se aquela mulher achava mesmo que tinha o direito de tratá-la daquele jeito...

— Você me mandou ir, Willa. *Você*. Quando você quer que alguém fique, você diz, não o expulsa torcendo pra que volte! E só pra constar, eu não fugi no meio da noite como uma maldita criminosa, quem sentia culpa naquele relacionamento era você. Eu fui embora, porque ficou claro pra mim que você nunca me colocaria em primeiro lugar em nada na sua vida, mesmo que isso custasse tudo entre a gente.

— Não pode tá falando sério. Eu tinha dezessete anos! Dezessete! Eu tinha o direito de estar confusa, porra. — Willa se perdeu em um soluço e desviou os olhos de Fallon enquanto massageava a testa. — Eu tinha saído da casa dos meus pais pra ser uma Caçadora da Lua. Num dia tava pronta pra fazer um juramento de celibato e no seguinte, tava rolando com você pelos cantos. Eu podia te amar e não sentir vergonha da gente e mesmo assim ter dúvidas quanto a abandonar toda a minha vida pra trás.

Fallon acenou com a cabeça.

— E eu tinha o direito de querer alguém que não tivesse dúvidas sobre mim, que compartilhasse os medos comigo ao invés de me culpar por eles, mas você ainda se coloca como a vítima da situação, como a pobre menina que tava vivendo a vida perfeita até eu chegar e estragar tudo. Acredite ou não, Willa, não cheguei naquela maldita mata com um plano perverso pra te seduzir.

Nenhuma das duas sabia como continuar a conversa e ambas ficaram ali, olhando uma para outra. Willa estava surpresa. Em algum momento tinha se convencido que as coisas estavam bem resolvidas dentro de si, que tinha seguido em frente, como todo mundo faz. Naquele momento, passou a se perguntar se existia tal coisa como superar relacionamentos tão intensos, ou se as pessoas só se afastam o bastante para virarem vulcões dormentes. Fallon parecia prestar a entrar em ebulição e uma parte dela, queria se queimar.

Poderia se sentir péssima por isso depois, passar horas remoendo enquanto revisava as listas dos jovens que fariam os juramentos naquele Equinócio, mas naquele segundo o rancor de Fallon a acalmou. A fez soltar o ar, aliviada, porque significava que ela ainda se importava. Que ainda estavam ali, sua Fall e a Willa dela. Ainda sem saber o que fazer, ainda presas e ainda desequilibradas na gangorra, mas estavam ali.

Mais sentiu do que viu quando um grupo de alunos se aproximou, meio envergonhados. Eles evitaram o contato visual e logo estavam murmurando entre si. Isso quebrou a realidade isolada em que a dupla tinha se colocado e Fallon voltou a andar, bem mais devagar do que antes.

— Fall... — Ameaçou tocar no braço dela outra vez, mas se interrompeu antes.

Fallon não ergueu os olhos, não se moveu. Ficou parada ao lado dela, o peito subindo e descendo numa respiração pesada. Só voltou a falar quando o silêncio durou quase um minuto.

— Segue até o fim desse corredor, vira a direita e desce a escada. A reunião do Conselho vai ser lá, só precisa achar a sala. Com certeza vai reconhecer alguém que possa te ajudar.

Willa acenou, a garganta seca demais para que tivesse vontade de falar e Fallon se afastou.

Pelo visto, as coisas eram mesmo assim.

Fallon partindo e Willa sem conseguir pedir que ficasse.

Capítulo 6

Willa não fazia ideia do que o Conselho estava discutindo. Mexia um dos pés sem parar, as pernas cruzadas em uma postura tensa enquanto girava uma caneta entre os dedos. Tinha a vaga sensação de que devia anotar alguma coisa.

Até tinha tentado se concentrar, mas inventar cenários de uma vida com Fallon era mais interessante. No seu favorito, ela e Fall comprariam uma casa de pedra perto de um rio, plantariam a própria comida, teriam dois filhos que correriam atrás de cachorros o dia inteiro e os gatos destruiriam todos os seus móveis favoritos.

Tudo besteira.

O ponto é que Conselho era inútil mesmo para tirá-la dessas ilusões. Tinham passado as duas últimas horas andando em círculos.

Quando a última família imperial foi deposta, o Conselho foi instaurado como um sistema político que representaria melhor as diferentes visões de um povo diverso como os austherianos eram. Já era uma mentira em seu princípio. O Conselho não era uma equipe democrática. Era diferente da realeza apenas por não ter conexões de sangue, suas maquinações eram mais políticas. Os membros escolhidos para entrar nunca eram muito diferentes daquele que já estavam lá: donos de empresas, conservadores, alinhados aos mesmos ideais de sempre, ligados à famílias antigas. Nada diferente de uma oligarquia.

Ela não era a única frustrada. Nefertari, ao seu lado, estava cada vez mais afundada na cadeira e tinha parado de disfarçar o revirar de olhos há um tempo. Quinn nem tinha dado as caras e Fallon... Bom, era melhor não pensar nisso de novo.

Gorgos estava em um discurso que já tinha perdido o tema e o sentido quando a idoj de Afrodite se inclinou em sua direção e murmurou:

— Como você sobreviveu a esse sujeito?

Willa nem hesitou:

— Sou ótima me dissociando.

— Dito isso, acho que podemos encerrar por hoje — o conselheiro anunciou.

— Graças aos deuses — Willa gemeu.

Nefertari já estava se ajeitando para levantar quando outra voz ecoou pela sala:

— Na verdade, conselheiro Gorgos, tem outra coisa que devemos trazer para a pauta — disse Ahti, sem tirar os olhos da pasta à sua frente. — Visto que já foi mencionado algumas vezes durante as últimas semanas, acho que está na hora do Conselho exercer sua função nos protocolos apropriados e não com reuniões particulares fora das atas.

A caneta na mão de Willa parou de girar.

— Conselheiro Ahti, se isso se tratar do que acho que se trata, deve saber que esse não é o momento...

— Chegou ao meu conhecimento que Gorgos tem mexido seus pauzinhos com alguns dos outros membros aqui presentes para reativar o Projeto Troianas. Acredito que isso deva ser discutido de forma oficial, não concorda?

A pergunta era direcionada a Gorgos, mas os olhos cinzentos de Ahti se ergueram e encontraram o assento de Nefertari sem qualquer desvio. O pé de Willa também parou de se mexer. Enquanto todos aguardavam quem seria o próximo a fazer um movimento, Nefertari de Afrodite se ajeitou na cadeira, tão ereta quanto um humanoide é capaz de estar, os olhos fixos em um ponto aleatório na mesa.

Willa achou que tivesse motivos para ter ficado nervosa quando Nefertari foi incisiva nos templos. Estava errada. Ainda não fazia ideia do que aquele olhar era capaz de fazer.

Nefertari sentia o nervosismo preencher a sala, apertando-a como um medidor de pressão que envolvesse todo seu corpo. Apertando, apertando, apertando.

Apoiou as mãos na mesa rodeada pelos governantes do país que ela ainda chamava de lar. Ainda. De repente, teve vontade de varrer toda Austhera do mapa, como os humanos tinham tentado fazer.

O silêncio era soberano. Se estavam esperando que ela tivesse a primeira reação, esperariam para sempre. Esse era um jogo que ela sabia jogar, *eles* a ensinaram a jogar. E ela não perdia.

— Gorgos, isso é verdade? — uma voz feminina perguntou.

Não soube dizer qual das conselheiras tinha sido, seus olhos continuavam fixos em uma mancha de caneta no meio do tampão da mesa oval. Um ponto de bordas irregulares.

— Entendo o interesse nesse tópico, já que se trata de algo sensível, mas realmente acho que isso deva ser discutido em circunstâncias mais controladas.

Controle queria dizer longe dela e de Willa. Nefertari fechou as mãos em punhos e afundou as unhas no próprio pele. Se ancorou na dor para afastar de si toda a tensão que não lhe pertencia, até que voltasse a ser sua própria angústia: algemas congeladas. Interrompem a circulação.

Encarou o homem corpulento de cabelos ralos na sua diagonal. Parecia um cadáver. Ou era só ela projetando seus desejos nem-tão-reprimidos no mundo.

— Responde à pergunta — chiou.

— Nefertari, eu sei que isso deve ser difícil.

— Responda. À. Pergunta.

— Sim. É verdade.

— Gorgos... — a mesma mulher de antes suspirou. — Por que, em nome dos deuses, faríamos isso? Já não causou dor o suficiente?

— Sim — Nefertari respondeu por ele. — Com certeza causou.

— Também não era minha primeira opção, mas todos nessa sala sabem que as coisas com o norte tem ficado complicadas.

— E no que esse projeto mudaria?

— Atalanta, por favor, deixe ele falar — outro homem se juntou a discussão.

— Eu não posso ser a única achando isso um absurdo!

— Não é. — O conselheiro de Poseidon, Ahti, disse. — Essa é a ideia mais imbecil que já ouvi na vida.

— Não. — A voz de Nefertari ficava mais firme cada vez que a usava. — Não é imbecil. É criminosa.

— Escutem, Gorgos veio falar comigo sobre isso porque também não gosta da ideia, mas ele tem um ponto. Ao menos ouçam!

O velho ajeitou os óculos redondos que usava quando enfim teve a atenção que queria.

— Esse conflito não é como os outros. É sobre quem sabe mais, quem tem a verdade e quem mente. É sobre quem de fato está com os deuses e quem se sente ofendido por isso. — Gorgos suspirou. — Eles sabem que os deuses escolheram Austhera para Thailah crescer e que será nosso povo o escolhido para a Nova Era. Estão desesperados para provar o contrário. Isso é sobre quem convence

mais pessoas e nunca fomos tão influentes quanto na época em que o Projeto Troianas estava ativo. Se voltarmos com ele, a guerra estaria vencida. Poderíamos virar o próprio exército de Alaric contra ele, descobrir o que ele pretende fazer com Thailah quando a tiver, até infiltrar alguém na corte...

A cada palavra, as algemas de Nefertari ficavam mais frias, tão frias que o metal se partiu e ela se levantou, socando a mesa. Gelo também queima.

— Você tá falando de mandar *meninas* para *campos de batalha* como *prostitutas*.

Nefertari inspirou mais devagar e Gorgos voltou a cair contra a cadeira. A pouca cor que ainda tinha em seu rosto desapareceu sob uma camada de suor. Os olhos, antes pretensiosos, se perderam no espaço e ele começou a sufocar. Seus espasmos aumentavam enquanto seus colegas tentavam ajudar e pediam ajuda para o que parecia ser um ataque cardíaco. O lábio de Gorgos começou a tremer e, quando ele percebeu que não morreria, seu rosto se contorceu em formas que Picasso teria transformado em arte, mas ali, eram apenas grotescas. Ele gritou.

O grito afastou todos na mesma hora, mas parou rápido. A dor que ele estava sentindo não deixava muito ar para gritos. Ela sabia.

Era a dor dela.

O Conselho pareceu entrar em um consenso silencioso de que a reunião tinha acabado quando seu membro mais velho caiu no chão em posição fetal e chorou, baixo como um rato. Nefertari se levantou e saiu sem olhar para trás. Ouviu alguns passos a seguindo, mas não podia parar.

Só soltou o cordão de poder que prendeu em Gorgos quando estava longe demais para sustentar. O desgraçado nem devia saber que tinha sido ela, o que na maior parte das vezes a deixaria feliz, mas não naquela. Ela queria que ele soubesse, queria que ele *sentisse*.

— Nefertari!

Se virou pronta para brigar. Gael logo deu um passo para trás e ergueu os braços. Sabia quando não podia se aproximar, um soldado sempre sabe. Conviviam mais com a síndrome do transtorno pós-traumático do que com armas.

O olhou de cima a baixo. Ele deveria saber, melhor do que ninguém, o quanto aquilo era um absurdo. Gael ainda cortava os cabelos rente à cabeça, rugas começavam a surgir em seu rosto e os olhos estavam cada vez mais cansados. Era o conselheiro de Ares agora, mas Nefertari o tinha conhecido como tenente. O tenente dela.

— Sabia disso? — cuspiu a pergunta.

— Não, é claro que não! E não vou concordar com isso, não importa quais argumentos Gorgos tenha. A propósito, você passou dos limites lá dentro.

— Que se foda, Gael!

— Nefertari...

Ela se afastou, respirando fundo e voltou para perto dele com o dedo apontado.

— Foi pra essa merda que se tornou conselheiro? Hã? Esse é o grande plano de vocês? Dizer que Alaric tá *mentindo* e torcer pro povo *dele* se aliar a vocês? Hein, tenente? Essa é sua grande estratégia de guerra?

— Eu não tinha ouvido uma palavra disso até hoje. Sabia tanto quanto você.

— Acha que isso te exime?! Isso é ainda pior, porra! É tão ruim no seu trabalho que nem sabe o que acontece debaixo do seu nariz, entre seus próprios colegas, na droga do seu próprio país?

— O que você quer que eu faça, Nefertari? Não posso controlar tudo.

Sua risada de escárnio ecoou pelas paredes.

— É melhor começar a fazer alguma coisa, porque se acha que exagerei hoje, sem nem ter precisado mover um dedo, não queira saber o que sou capaz de fazer se descobrir que essa merda tá sendo posta em prática. — Ela se aproximou ainda mais antes de terminar: — Ela teria vergonha de você.

Viu que tinha acertado o alvo, então se virou e saiu dali o mais rápido que podia.

Ela ainda sabia jogar o jogo se precisasse.

E não cederia na frente deles.

Nunca.

Capítulo 7

A sala da Anciã não tinha janelas. Ela dizia que era para preservar a coleção de grimórios que preenchiam grande parte do escritório pequeno, mas Fallon suspeitava que o desejo de intimidar também tinha tido um grande papel nessa decisão. Era outro mundo, um em que as pessoas ficavam acuadas.

A própria Sibila, que já tinha se tornado pupila da diretora há quase um ano, sumia dentro da sala. A Anciã teve poucas pupilas ao longo dos anos e era uma honra imensa entre as bruxas ser escolhida para aprender com a mais velha delas. A menina estava em silêncio no canto da sala, observando enquanto sua tutora indicava uma cadeira e tomava seu lugar atrás de uma mesa rústica de nogueira. Fallon não se sentou. Apoiou a bolsa, que começava a machucar seu ombro, no assento e esperou que a mais velha iniciasse a conversa.

O Conselho podia ser o órgão mais poderoso, mas ninguém era mais respeitado que as anciãs. Em Austhera, idades e aniversários significavam muito pouco, maturidade era o guia social. Os títulos sociais, os espaços que ocupavam e quantos juramentos aos deuses alguém tinha feito era o que classificava o quão confiável era alguém. Quão sábio. Fallon tinha feito três juramentos, Sibila nenhum e a Anciã...

Bom, bastava dizer que Fallon nunca soube de uma anciã com menos de um século de vida.

— Parece nervosa — disse a bruxa.

A professora de histórias inspirou fundo. Tinha engolido um comprimido para dor depois da conversa com Willa, mas sua cabeça ainda latejava.

— O dia tem sido cansativo.

— Imagino que seus alunos estejam exigindo algum esforço. Soube do pequeno debate de ontem.

Fallon sorriu.

— Os boatos são maiores que o evento em si. Não foi nada de mais, apenas alunos sendo curiosos, como deveriam ser.

— Imagino que sim. Curiosidade é uma qualidade, desde que saciada com responsabilidade.

Os olhos da bruxa se encheram de insinuação e Fallon se manteve no lugar. As bruxas de Hécate tinham um limiar estranho entre os idoj: às vezes humanas demais, às vezes místicas demais. Uma ou duas vezes a professora já tinha suspeitado que a diretora da Academia Athena era, na verdade, a própria Hécate disfarçada. O tom quase dourado dos seus olhos contribuía para essa sensação. Pareciam olhos de gato.

— É claro que sim, Anciã.

— Bom, mas não é para discutir isso que está aqui hoje.

— Não, não é. Imagino que tenha tido tempo de ler meu requerimento.

— Não vai mesmo se sentar, Fallon?

— Estou bem assim, obrigada.

A Anciã assentiu e se inclinou para frente, abrindo uma das gavetas da mesa. Sob a luz amarelada da sala, seus cabelos grisalhos pareciam loiros e Fallon imaginou como a bruxa teria sido na juventude. Se um dia houve alguma foto ou pintura, ninguém tinha visto e até o nome dela havia se perdido no vento, esquecido por todos. Quando se desarmava do estado de alerta em que a Anciã mantinha todos a sua volta, Fallon podia ver uma mulher solitária por baixo de tudo. Uma mulher que tinha se perdido até se tornar apenas um título, um papel.

Um arquétipo.

Devia ser um fim triste, ser reduzida assim. Enquanto os dedos esguios da velha reviraram os papéis na gaveta, Fallon se perguntou se a Anciã já tinha ansiado pela morte. Se perguntou se, naquele momento mesmo, ela não estaria pensando em formas de acabar com tudo.

Fallon preferia morrer a ter um fim parecido.

Se bem que, não era bem um fim. A Anciã continuava lá, tão severa quanto sempre, com mais segredos guardados sob a chave da sua sabedoria do que o mundo seria capa de descobrir e ainda tinha nas mãos o poder de definir a vida de Fallon e o futuro de toda Austhera.

Ela enfim retirou um bloco de papel do móvel e colocou diante dela.

— Isso é tudo que posso te dar sobre a Última Profecia de Delfos.

Tentou disfarçar o entusiasmo, mas os dedos a denunciaram na sua agilidade. Folheou as impressões e logo o sorriso se desfez, o peso de uma bigorna pousou em seus ombros. Fallon jogou os papéis de volta na mesa, que alcançaram a superfície com um estalido agudo.

— Não tem nada aí — disse.

— Essas são as informações que posso oferecer sobre a chegada de Thailah aqui...

— Não tem nada aí! Só tem as histórias que todo mundo conhece. Ela atacada na praia, Alfher, são só boatos! E com certeza não tem relação nenhuma com a Profecia.

A Anciã manteve o olhar fixo nela e uniu as mãos em cima da mesa, enquanto Sibila, nervosa, abaixou a cabeça e sumiu ainda mais nas sombras. A menina deixava claro na expressão que preferia estar em qualquer outro lugar.

— Fallon, já entramos em consenso de que curiosidade é importante. No entanto, deve saber que curiosidade demais pode facilmente levar a alma por um caminho tortuoso.

— Não! A senhora não vai fazer isso agora! Sem lições de moral poéticas e enigmas que vocês devem ter alguma aula para fazer sempre igual. — Suspirou e prendeu as duas mechas soltas do cabelo atrás das orelhas. — Tem uma guerra batendo na nossa porta e a única coisa que eles querem saber é a verdade. Um pedaço de papel vale mesmo a vida de tanta gente, Anciã? Que conta é essa?

— Eu entendo sua frustração. Entendo mesmo. Também tenho minhas preocupações e, acredite se quiser, dúvidas, mas tem uma coisa que aprendi há muito tempo: os deuses têm um plano e a vontade deles sempre será superior à nossa. Thailah só vai se revelar quando eles disserem que é a hora certa e, com ela, a Profecia.

Fallon se esforçou para manter a voz controlada.

— Tentei fazer isso do jeito fácil, mas se for assim, vou até o Conselho.

— O Conselho não pode fazer nada, Fallon.

— A lei de direito ao acesso à informação. O público tem direito a qualquer informação que seja de interesse individual ou coletivo, que coloque em risco a segurança pública ou privada do indivíduo, que diga respeito aos impostos pagos, debates governamentais...

— A Profecia não é de interesse de Austhera.

— Ao que tudo indica, Thailah é uma cidadã de Austhera, resultado de uma Profecia de Austhera, que está escondida em Austhera e que pode colocar Austhera em uma guerra. Não é do interesse de Austhera? — Fallon insistiu, mas a Anciã se manteve na mesma posição. — Já chega, eu vou resolver isso com o Conselho.

Fallon estava com a mão na maçaneta, pronta para sair, quando a voz da bruxa ecoou atrás dela:

— Thailah não nasceu em Austhera. Como você já sabe, já que pelo visto todos conhecem os boatos, ela nasceu no Brasil e veio para cá bem mais tarde. Não há qualquer registro de nascimento, imigração ou qualquer documento nacional com o nome de Thailah. Para todos os efeitos, ela sequer existe. É uma lenda.

Fallon olhou para trás por cima do ombro. A Anciã não tinha terminado:

— A Profecia foi dita a uma idoj de Austhera, mas não em Austhera. Foi em Delfos, na Grécia, e também estavam presentes um boreatheio, um feérico, uma amazona e um representante de cada oceano. Todos que estavam lá já estão mortos e só uma transcrição verdadeira da Profecia restou e claro, não está escrita em papel, como você disse, mas em pedra. Mas acho que esse foi o menor dos seus muitos erros. Precisa entender seu lugar aqui, Fallon. Suas intenções podem ser nobres, mas o que pretende fazer está muito além das suas capacidades. Você é uma professora e é boa nisso. Se concentre no que, de fato, pode fazer.

Fallon terminou de abrir a porta e saiu. Nem lembrava mais da dor de cabeça, seu pescoço coçava. Não sabia o que era pior, a vergonha ou a raiva. Ainda estava no mesmo lugar, tentando recuperar o ar, quando Willa apareceu correndo. Fallon quase chorou de frustração.

— Willa, agora não, por favor.

— Não é... — ela estava ofegante, sem conseguir falar direito. Se encostou em uma parede e apoiou o peso nos próprios joelhos. — Um segundo.

— A propósito, como você me achou? Não é você que se perde sem parar aqui?

— GPS.

— GPS? Você usou GPS *dentro* de um prédio? Você caçava, porra, já te vi se achar pelas estrelas!

— Tá vendo alguma estrela aqui de dentro?

— E o GPS funcionou aqui?!

— É um ponto turístico... tem muito... — Ela ofegou de novo. — Tem mil mapas online... mas eu não tô aqui pra falar de GPS! — Ela retoma o desespero que estava quando chegou, erguendo o corpo outra vez. — É sobre a Nefertari.

— O quê? O que aconteceu? Ela tá bem?

Willa ainda estava ofegante e só negou com a cabeça.

— Tem uma coisa que você precisa saber.

Então a idoj de Deméter contou o que tinha acontecido na reunião do Conselho e, antes que ela terminasse, Fallon já estava correndo.

Capítulo 8

Nefertari mergulhou a mão na água da banheira para testar a temperatura. Dois graus a mais e passaria mal se entrasse ali, mas sempre se sentiu mais limpa depois de banhos ferventes. Os dormitórios da Academia Athena não se pareciam com os outros dormitórios em que ela já havia estado. Os quartos eram grandes, cada um tinha seu próprio banheiro, as camas eram espaçosas, várias com dossel de madeira. Os móveis históricos tinham sido substituídos por novos, mas eles seguiam o estilo em que o

prédio foi construído. A fascinação pela figura humana, pelo luxo e pelas artes era visto em tudo. Inclusive na enorme quantidade de espelhos.

Isso nunca tinha incomodado até ela trocar de quarto no ano passado, quando assumiu o cargo vitalício de orientadora vocacional. Seu novo alojamento era maior, tinha uma vista melhor e era mais privativo. Com tudo isso, vieram dois espelhos no banheiro que a faziam fugir do próprio reflexo.

Ficou na frente da pia e soltou o cabelo do coque. Estava com um roupão branco e no reflexo, o espelho que cobria toda uma parede do lado oposto deixava suas costas visíveis. Não importava o ângulo, ela sempre tinha o vislumbre da sua lombar. Trincou os dentes e puxou os fios de sua magia enquanto desfazia o laço do roupão. Transfiguração era como tocar harpa. Tinha a hora certa para pressionar o cordão certo com a intensidade certa. Costuma deixar calos nos dedos.

Pendurou a vestimenta de algodão no gancho da porta. Sua magia tinha garantido que, no reflexo, suas costas estivessem vazias. Sem manchas, sem pintas, sem estrias ou tatuagens e com certeza, sem nenhuma cicatriz. Ficava mais fácil se esconder da própria mente com ajuda de magia.

Nefertari entrou na água devagar e fechou os olhos com o choque térmico. Pegou a bucha e começou a esfregar a pele com a parte áspera, sem sabonete, sem óleos. Apenas o quente e o arranhar da esponja, tentando expurgá-la do rastejar de memórias que sua pele tinha gravado tanto quando sua mente.

Mulheres como ela nunca têm o privilégio de esquecer. Seu corpo era um aglomerado de passados.

Gorgos tinha se esquecido, ela não. Lembrava de cada detalhe das suas missões, de cada uma das suas companheiras, de cada segredo que colheu como troiana e de cada pedaço da sua alma que aquilo tinha custado.

Soluçou, engoliu o choro e começou a esfregar com mais força. Os braços ardiam, o peito já estava vermelho. Esfregava a bucha nas pernas com as duas mãos e gemeu de dor quando uma parte da pele se partiu. Olhou para o ferimento e o fino fio de sangue que escapou dele. Imaginou sua dor saindo por ali, se diluindo na água, deixando-a.

Não passava de uma mentira, uma que ela não conseguia parar de contar.

Largou a bucha e abraçou as próprias pernas. Encarou o teto quando o choro se insinuou outra vez.

Empatas são esponjas e esponjas não só puxam a água, são puxadas por ela. Você é puxada para o mundo do inconsciente e nos momentos em que os outros se retiram para a privacidade e introspecção, para analisar suas próprias mentes e respirar a própria presença, você quer fugir de tudo que seja do profundo. Você quer descansar, quer o que é externo, quer o material.

E assim, Nefertari de Afrodite, a primeira mulher em séculos a nascer com as habilidades de empata e, não satisfeita, de transfiguração, se tornou mestre no inconsciente dos outros, sem nunca ter dado mais do que uma espiada em si mesma.

Era uma eterna equilibrista na corda bamba: inconsciente demais para o mundo das razões. Racional demais para a entrega ao que se esconde do outro lado.

Apoiou a testa nos joelhos e respirou devagar, tentando afastar do seu corpo a pressão no tórax. Com a cabeça baixa, soltou as cordas da harpa. Respirou até se esquecer de que ainda era um corpo. Soltou o peso na água. Flutuar sempre ajudou com o peso do seu poder e sempre pensava na ironia: estar suspensa na água como se sentia suspensa no limiar dos sonhos. Deixou os ouvidos submergirem e qualquer som se tornou eco e o correr do próprio sangue. Colocou o mundo em espera.

Batidas na madeira a tiraram do transe e Nefertari agarrou as bordas da banheira com as unhas. Seu coração disparou e assim que ela se levantou e pisou no tapete ao lado, puxou os fios outra vez antes de passar na frente do espelho.

Ela vestiu o roupão pendurado no gancho da porta e a abriu bem devagar. Seu quarto estava vazio, as luzes acesas, a porta trancada. Tudo como tinha deixado.

A batida soou outra vez.

— Quem é?

— Titi, sou eu.

Seus ombros cederam assim que reconheceu a voz de Fallon e correu para abrir a porta. A professora estava com a mesma roupa que estava de manhã, com a bolsa que levava para as aulas ainda pendurada no ombro e ofegante como se tivesse corrido até ali.

— Quem te contou? — Nefertari gaguejou.

— Willa.

A mulher de Afrodite acenou e deu um passo para trás. Tentou se convencer de que conseguiria manter tudo aquilo guardado na caixa em que tinha estado por meses. Quando se precisa de tanto esforço para se convencer de algo, já deve saber a verdade. Que matéria difícil, essa tal aceitação. Seus joelhos cederam ao peso do corpo e ela caiu no chão. Fallon entrou e logo bateu a porta atrás de si. Sua amiga atirou a bolsa para longe e sentou ao lado dela, puxando para perto quando os soluços começaram.

— Não podem fazer isso, Fallon, não podem... tudo de novo... tudo...

Fallon suspirou e a abraçou com mais força.

— Vamos dar um jeito, Titi. Eu ainda não sei como, mas vamos dar um jeito.

E para sobreviver, Nefertari acreditou nela.

Ainda estava sonolenta quando sentiu o movimento na cama. Logo depois veio a físgada: uma onda de pressão no baixo-ventre que se alastrou pelo abdômen. Arregalou os olhos, enfiou a mão embaixo do travesseiro e pegou sua adaga.

Outro movimento ao seu lado, dessa vez com um arquejo. Nefertari se sentou ao mesmo tempo que Fallon e bateu no interruptor ao lado da cama para acender a luz.

Nenhuma das duas falou nos primeiros segundos.

Nefertari tinha chorado até dormir e só dormiu porque sabia que Fallon não ia sair dali. Não naquela noite. Esse era o tipo de coisa que fazia o burburinho sobre as duas serem um casal aumentar entre os alunos e seus colegas. A dificuldade das pessoas entenderem amizades era algo que a enervava. O mundo perde tantas oportunidades de amor.

A fisgada voltou, dessa vez tão forte que teve um espasmo e se curvou para frente. Todos os seus pelos estavam arrepiados. As duas enfim se encararam e Fallon sussurrou:

— Ouviu isso? Parecia vidro quebrando.

Nefertari arqueou as sobrancelhas.

— Não eu... eu não sei. Acho que foi um pesadelo.

A professora a encarou, séria.

— Sentiu que tinha alguma coisa errada.

A idoj cedeu e acenou com a cabeça.

— Tô com um pressentimento...

Foi quando ouviram o grito.

Saíram da cama aos tropeços. O grito era distante, tão longe que dava mais desespero, a sensação de que elas não chegariam a tempo. As duas começaram a correr.

Estavam descalças, guiavam-se pelo som e pela memória do espaço, sem a preocupação de acender as luzes. Já tinham descido um lance de escadas quando uma movimentação maior começou. Professores e funcionários abriam as portas, acendiam as luzes e enquanto tentavam entender o que acontecia e decidiam entre lutar ou fugir, o avido que antes era um arrepio já tinha se tornado uma nevasca nos nervos de Nefertari.

Tinham percebido de onde o som vinha. Os alojamentos do Conselho.

Nunca viu Fallon correr tanto na vida. E a professora estava sempre correndo.

Seu corpo ardia com o vendo nos corredores, a pele ainda sensível do tempo em que passou na banheira, mas a única coisa em sua mente era o grito que tinha mudado, se tornado mais alto, mais animalesco. Confuso. Mais de uma pessoa gritava. Nefertari não tinha ideia de como ainda não tinham escorregado escada abaixo.

O som tinha parado quando entraram em um corredor bem mais movimentado. Várias pessoas já se aglomeravam diante de uma das portas e Fallon passou por eles com cotoveladas. Nefertari se enfiou no espaço que ela deixou e se infiltrou na cena. Do lado de dentro do quarto, Quinn estava em pé, a luz acesa, Willa encolhida na própria cama, cacos de vidro no chão, um tronco de árvore dentro do quarto e penas pretas. Penas por toda parte.

— Mas o quê...?

Willa olhou para a porta, o rosto molhado de lágrimas e as mãos tremendo.

Quinn suspirou e relaxou o braço. Só então Nefertari notou a espada em sua mão.

— Droga, Willa, quase me matou de susto, porra — Quinn chiou.

— O que aconteceu? — um dos conselheiros perguntou, empurrando o grupo para tentar uma visão mais clara.

Nefertari entrou no quarto e Fallon foi depois dela. Dali, tinham uma visão mais clara da janela. A antiga espiã precisou de alguns segundos para ter certeza do que estava vendo e quando entendeu, dividiu-se entre a vontade de rir e contorcer o rosto de nojo.

O tronco que invadia o cômodo era largo e tinha um movimento fluído que não combinava com sua rigidez. A ponta afiada em que terminava também não era natural. Empalada nessa lança improvisada, uma ave sangrava. Nefertari não olhou muito para o bicho. Suas asas estavam abertas e moles para trás, arrastando no chão. As penas pretas ficavam gosmenta com o sangue que ainda vazava e sua cabeça estava em um ângulo terrível. Só olhou o bastante para saber que não queria mais aquela lembrança na sua coleção de sonhos e deu alguns passos para o lado, até que a cama escondesse a maior parte da chacina.

— Essa gritaria toda por que um pássaro bateu no vidro? — Quinn disse.

— Essa coisa quase me matou! — Willa gritou, ainda chorosa. — E o último grito nem foi meu, foi dela!

— Parecia uma coisa vinda direto do Tártaro. Como você consegue gritar tanto tendo o seu tamanho?

— Cala a boca, Quinn. Eu tô falando sério! Essa porra queria me matar. Ela voou direto na minha cara!

— Willa...

— O que aconteceu? Tá todo mundo bem?

Alguns membros do Conselho interromperam a discussão na porta. Pareciam receosos de entrar e intrometer o que já tinha se tornado uma discussão a parte. Ou a vergonha era de aparecerem daquela forma. Estavam todos descabelados, mal-vestidos e nervosos, o que não combinava com a imagem pomposa que os conselheiros tentavam passar. A professora foi quem assumiu a dianteira de sorrir para eles e dispensá-los, dizendo que tudo não passou de um mal-entendido, que todos estavam bem. Nefertari suspirou quando eles se afastaram e Fallon fechou a porta.

— Eu juro! Ela quase me matou! Eu... Porra!

Nefertari esfregou a testa antes de dizer:

— Você matou uma ave *empalada* numa *árvore* porque se assustou? O que você faz se alguém te ofender? Compostagem com seres vivos?

— Isso não tem graça nenhuma, Nefertari!

Nefertari bufou e esfregou o rosto, tentando segurar a risada.

— Normalmente eu concordaria com você, mas de todas as coisas que a gente imagina quando ouve aquele grito...

Quinn começou a rir e Nefertari, mesmo se sentindo mal por ver que Willa ainda estava tremendo, deixou escapar um sorriso ou outro. Fallon é quem ainda continuava quieta e a primeira que

teve coragem de se abaixar perto do animal. Uma curiosidade mórbida se apossou dela e a mulher de Afrodite esticou um pouco o pescoço, só para ter certeza de que a cena era tão grotesca como tinha parecido à primeira vista, mas de onde estava, não conseguia ver muito além do começo de penas.

— Eu achei que você tivesse morado no interior, isso não inclui saber lidar com bicho? — Quinn continuava provocando Willa.

Nefertari cruzou os braços e olhou para o estrago na janela. O vento emitia um som parecido com assobios quando passava pela abertura.

— Você disse que acordou com ela em cima de você? — Willa acenou que sim. — Mas como um pássaro conseguiu fazer todo esse estrago sozinho?

— Gente. — Fallon chamou, a voz grave demais.

Willa deu a volta na cama e encontrou Fallon agachada perto do animal, seu corpo rígido da cabeça ao dedinho do pé.

— Isso não é um bicho qualquer. É um anjo da morte.

Enquanto todos do cômodo se entreolhavam, Nefertari teve certeza de que o vento estava rindo.

Mas antes disso,

Daquele dia em diante, o silêncio seria, para ela, sinônimo de morte.

Suor escorria pelas costas de Thailah em gotas frias e se acumulava no elástico do top. Correr na praia era sagrado, mesmo quando o calor do verão roubava seu fôlego. O sol ainda estava nascendo e o termômetro do calçadão já marcava vinte cinco graus. A jovem parou perto de um quiosque fechado na orla, onde um jovem a esperava sentado, atento às páginas de um livro. Se aproximou, pegou a garrafa de água ao lado dele e deu longos goles, até esvaziá-la.

— Qual o tema dessa vez? — perguntou.

— Acreditaria se eu dissesse que é um romance bem picante?

Ela abriu um sorriso travesso e se sentou ao lado dele.

— Isso parece mais com o tipo de coisa que eu leria.

Arthur riu.

Thailah amava aquela risada. Fazia todo o rosto dele se abrir: os olhos ficavam menores, covinhas apareciam em suas bochechas e o nariz franzia. Tinha passado horas observando esses detalhes, admirando o quanto ele se entregava às risadas, enquanto a maioria das pessoas se continha para não mostrar demais os dentes ou acabar fazendo careta. Muitas vezes as gargalhadas de Arthur acabavam em um ronco que fazia a própria Thailah rir.

— E então, sobre o que é? — questionou outra vez.

— Relativismo moral.

— Nerd.

Se levantou, com a respiração mais estável e se alongou. Uma brisa leve alcançou a dupla e Thailah aproveitou a sensação dela em sua nuca, resfriando todo o corpo. Partes do seu cabelo haviam se soltado do coque e grudaram em sua pele com a maresia e o suor.

— Acho que vou dar outra volta.

— Sério? — Arthur ergueu as sobrancelhas. — Você correu por duas horas.

— O dia tá lindo.

— É verdade, mas você pode aproveitar o dia sentada, *vendo* ele.

Ela abriu um sorriso e bagunçou o cabelo dele com as mãos.

— Gosto de me mexer.

— Você tem energia demais.

Os dois trocaram olhares cheios de significado, reservado às pessoas com a intimidade em que palavras são dispensadas. Era por essa familiaridade que os dois sabiam que nada a impediria de correr por mais tempo. Era a pessoa mais cabeça-dura que ele conhecia.

Arthur afastou os fios soltos da testa da jovem e alisou seu rosto até parar na bochecha. Ela apoiou a face contra o toque, fechando os olhos.

— Sua mãe vai ficar preocupada. Temos que voltar — ele sussurrou.

— Minha mãe tá sempre preocupada.

— Ela é mãe. É o que as mães fazem.

— Ah, não como ela. Minha querida mãe age como se eu estivesse à beira da morte o tempo todo... Que foi?

Os olhos do menino se arregalaram, fixos em algum ponto atrás do ombro dela. Thailah se virou devagar, com medo do que ia encontrar, até que também ficou paralisada. O silêncio em seus ouvidos nunca foi tão alto.

Thailah Fernandes nunca foi uma pessoa cética. Ela acreditava que se não podia provar a inexistência de algo, aceitar a possibilidade de sua verdade era uma atitude prudente. Mas não era só isso.

Ela sempre sentiu que tinha *algo* lá. No segundo em que uma flor se abre, quando uma mulher dá à luz, no barulho de uma tempestade, quando um relâmpago corta o céu e o mar se revolta em ressaca. Tinha alguma coisa. Ela não sabia o nome e nem se atrevia a dar um. Já tinha ido em igrejas, templos, terreiros, centros, estudado sobre bruxaria, mitologia, astrologia, lei da atração e tudo o mais que pudesse encontrar, mas nenhuma resposta a satisfez. Ela só... sabia.

E mesmo sendo crédula, duvidou da própria sanidade quando viu o que instaurou o silêncio.

O mar havia parado.

As ondas não mais existiam, nem mesmo a ondulação de um rio ou lago perturbava a superfície azul do oceano até a linha do horizonte. O vento continuava vindo, o sol continuava subindo no céu e a Terra continuava girando, um ou outro carro passava devagar na avenida, mas a água estava estática.

Não havia o som das ondas, o canto constante do vai e vem. A natureza se calou. E ela nunca tinha visto algo tão assustador em toda sua vida.

— Não é possível — murmurou.

— Você tá vendo a mesma coisa que eu?

— Não é possível. Deve ser só a maré baixa.

— Maré baixa? A água tá com menos movimento do que em pinturas.

Quanto mais olhava, menos movimento Thailah via. Nada era tão inerte. Não na natureza.

— Você é o nerd aqui, sabe que é impossível.

— Mas tá bem na nossa frente!

E mesmo assim, era impossível.

Um grupo de idosos que faziam exercícios no calçadão também começaram a ficar desesperados. Vários deles deram as costas, gritando e implorando que os outros também fugissem. Falavam sobre alguma reportagem sobre como prever tsunamis, que uma onda gigante ia destruir a praia, coisas que não tinham nada a ver com o Brasil.

Thailah tirou os tênis pisando nos próprios calcanhares e se livrou das meias no meio do caminho. Quanto mais próxima estava da água, mais cautelosa ficava. Não sabia o que esperar quando tocasse no mar. Seria como pisar em um rio congelado? Não que tivesse como um rio congelar no litoral de São Paulo.

Um de seus pés tocou na água e era só isso: água. A sensação foi a mesma de uma onda que atinge pés caminantes. Estava fria e só.

Arthur chegou pouco depois dela e parou a alguns passos. Ela se abaixou, mergulhando as mãos na água salgada.

— Thailah...

Arthur tocou seu ombro. Seus dedos tremiam.

Ouviu um grito agudo, alto. Tão alto. Ecoou na praia como o solo de uma cantora de ópera na última apresentação de sua carreira e arrepiou a coluna de Thailah como a mulher que ouve sussurros do vento numa rua deserta à noite. O som vinha de cima. Ela começou a levantar os olhos, devagar. O toque em seu ombro sumiu quando uma ave, duas vezes maior que uma águia comum, desceu em voo rasante e enfiou as garras nos olhos de Arthur. Ele caiu para trás. Thailah se arrastou para longe, soluçando. Queria gritar, mas não conseguia.

Sangue verteu das órbitas vazias do menino e desceu por seu rosto. Um rio fluindo de sua nascente. O rio se ramificou em córregos na altura das bochechas, cobriu espaço em caminhos tortuosos até o limite do queixo e, em pesadas gotas rubras, caiu na areia fina. Ela não conseguia piscar.

Enquanto o corpo inerte de Arthur sedimentava na areia, a ave virou seus olhos para ela. O ser tinha olhos pretos como carvão queimado, pequenos comparado ao tamanho do rosto e Thailah podia ouvir o farfalhar das penas cinzas e pretas que cobriam seu corpo. Ela se movia de forma pouco natural. Quando abriu as asas, os ossos mais se pareciam com braços, as garras com que ficava de pé eram maiores que a mão da menina. Seu rosto redondo movia-se no pescoço como a face humana. Tinha penas mais longas no topo da cabeça, como uma crina. A barriga era branca e seu bico negro se curvava para frente como os narizes caricatos das bruxas da sua infância. Já tinha visto o animal em fotos, mas tê-la em cima de si não era a mesma coisa. Harpia.

Queria gritar, sabia que deveria gritar, mas o grito não veio.

A ave saltou na barriga de Thailah. Ela agarrou o peito largo da criatura, tentando mantê-la afastada. O bico da ave se abriu em outro grito, próximo ao seu rosto. O hálito quente atingiu o rosto da menina com o cheiro de podridão. Ela exibiu a língua áspera e os pequenos dentes no fundo da boca, pareciam uma serra. Viu até a garganta da criatura.

Fechou os olhos, tentando sustentar os braços que mantinham aquele bico longe de sua pele. As garras lhe perfuravam a barriga descoberta.

Estava quase cedendo ao peso da ave, quando sentiu o impacto de algo sobre o rosto e um líquido espesso e grudento cobriu suas narinas e sua boca, deixando o gosto pungente de cobre para trás.

— Filha, abre os olhos.

Seu peito subia e descia sem parar, mas o ar parecia incapaz de alcançar os pulmões.

— Filha, levanta. Precisamos ir, precisamos ir agora.

— Mãe? — disse com a voz rouca.

— Sim.

Uma mão carinhosa afagou seus cabelos e ela abriu os olhos. A ave teve a cabeça decepada. Thailah esfregou o rosto, tentando se livrar do sangue que a cobria, mas só conseguiu espalhar mais. Suas mãos tremiam. Seu corpo tremia. As penas da ave ainda farfalhavam, altas demais contra o silêncio do oceano.

— Como você fez isso? Como...

Se sentou tão rápido que sua visão embaçou. Quando retomou o foco, viu o homem de quase dois metros a alguns passos de distância, com uma espada na mão e o tronco debruçado sobre Arthur. Sobre o *corpo* de Arthur.

— Sai de cima dele. Sai de cima dele, agora!

Pulou nas costas do homem, arranhando e chutando tudo que encontrava pela frente. Conseguiu derrubar a espada de sua mão e empurrá-lo para longe, apenas para ver que seu amigo ainda estava inconsciente, ainda tinha dois poços de sangue no lugar dos olhos e ainda não respirava.

Bile escalou sua garganta.

Esfregou as mãos no peito dele, puxou a camisa entre os dedos e se balançou para frente e para trás.

— Você vai ficar bem. Vai ficar bem.

— Ei, garota...

O homem se aproximou dela outra vez, com gentileza na voz. Ele tentou tocar seu ombro, o mesmo ombro que Arthur tinha tocado para avisá-la da ave. Seu corpo se contorceu para longe do toque, com a garganta arranhando enquanto as palavras se atropelavam.

— Não toca em mim!

O homem se afastou e sua mãe abaixou perto dela. Tirou as mãos de Thailah do peito do jovem, embalando nas próprias e olhou nos seus olhos. A sombra do homem continuava ali, constante, vigilante.

— Preciso que você seja forte agora, filha. Não temos muito tempo, você tá correndo perigo aqui, precisamos ir embora.

— Eu não vou deixar ele. Eu não vou deixar ele!

— Thailah, me escuta. Me escuta. — A mulher segurou o rosto da filha quando ela voltou a olhar para o corpo na areia. — Eu vou ficar com ele. Vou cuidar dele, entendeu? Mas você tem que ir, tem que ir embora daqui! Esse é o Alfher. — Indicou o estranho com uma das mãos. — Ele é um amigo, vai te manter segura. Tem que confiar nele.

— Iolanda — o homem disse, já estava com a espada na mão outra vez, olhando ao redor como se visse algo que não estava lá. — O tempo acabou. Tem que ser agora.

Thailah não fazia ideia de quem era aquele homem ou como ele conhecia sua mãe, mas eram próximos. Tinham que ser. Iolanda era o segundo nome dela, o nome que ela mais gostava, mas era o segundo nome. A maioria a conhecia só pelo primeiro.

— Mãe, o que tá acontecendo? O que é tudo isso? Isso é... é loucura. É loucura.

— Você vai entender, eu prometo. Só preciso que confie em mim agora e no que estou dizendo sobre o Alfher. Confie nele. De olhos fechados. Só confie nele. Ele não vai deixar nada de mal te acontecer.

Ela não tinha terminado as perguntas, mas sua mãe não tinha mais nada a dizer.

Alfher ergueu ela do chão como um pai ergue seu filho pequeno e, mais por choque do que conformismo, Thailah deitou a cabeça contra o peito dele. Tinha cheiro de eucalipto.

Ele correu. Sabia que estavam correndo pelo movimento, mas fechou os olhos e não quis pensar no caminho. Não conseguia pensar em nada. Só ouvia o silêncio daquela água parada, o silêncio de uma praia sem ondas, o silêncio de um Arthur sem risadas. A água, os olhos.

A água e aqueles olhos.

Tinha uma janela no quarto e olhando de relance, o mundo parecia o mesmo, inalterado pelo que ela tinha presenciado. Era injusto.

Tudo estava tão normal que poderia se enganar, dizer que tinha sido um pesadelo, mas sabia que não era. Pesadelos são, em sua maioria, esquecidos minutos depois que você acorda, eles se vão, como o vapor de um chuveiro quente no banheiro, mas o que ela tinha visto naquele dia, não conseguiria esquecer. Ela queria, mas sabia que as memórias estavam tatuadas em sua mente e nem a mais perversa das criatividades seria capaz de infligir tanta dor em si mesma.

A água, os olhos e depois o sangue. Tanto sangue.

Se virou e vomitou no chão. Não tinha nada no estômago, apenas suco gástrico subia pela sua garganta, queimando sua língua e deixando o amargo para trás. Vomitou e continuou vomitando até não ter nada além de saliva para expelir.

Só então Thailah conseguiu gritar.

Sua mãe entrou no quarto no mesmo segundo, amparando a filha pelos ombros. O grito se transformou em choro e foi entre lágrimas que ela olhou para a janela outra vez, com mais atenção. O mundo não era bem o mesmo.

Uma enorme área verde a rodeava, uma praia que ela nunca tinha visto estava logo ali ao lado e ao longe, brilhando com a luz refletida do Sol, uma construção circular de mármore branco se erguia.

— Onde a gente tá? — disse entre soluços.

A mãe afagou suas costas com a mão aberta.

— Seja bem-vinda à Austhera, Thailah. O segredo dos deuses.

3 O ASPECTO UNIVERSALIZANTE DAS JORNADAS DO HERÓI E DA HEROÍNA.

É comum que a palavra “singular” seja usada como sinônimo de “excêntrico” ou “excepcional”. Quando dizemos que uma pessoa tem um comportamento singular, não raro é uma forma mais polida de dizer que ela tem atitudes desviantes das normas sociais. Da mesma forma, se dizemos que alguém tem uma capacidade singular, entende-se que sua capacidade é acima da média. Nos dois exemplos, “singular” designa algo como único. A ideia de unidade na nossa cultura (a ocidental euroderivada) funciona tanto para conferir o caráter de exceção, como exemplificado acima, quanto para estruturar a regra.

Eu estava cercada de escritoras em uma mesa de restaurante quando elas exprimiram sua frustração de ainda serem taxadas como produtoras de uma literatura inferior à dos homens. Em meio ao debate, uma delas definiu o problema da seguinte maneira: a questão sempre foi que para eles, mulheres sempre falam dos problemas de mulheres e os homens falam sobre a humanidade.

Por pura falta de espaço, vou deixar um pouco de lado as suposições de que gênero como inerente à natureza humana ou a rígida oposição estabelecida entre eles pelo sistema branco-cis-hétero-patriarcal e me debruçar na noção de *fala sobre a humanidade*.

A produção de conhecimento ocidental¹ fala sobre a história, a filosofia, a sociologia, a geografia. O singular aqui não é mais aplicado como indicador de desviante, mas de homogeneidade. Na complexa teia da construção de conhecimento, a ideia de universalidade nas teorias ocidentais surge tanto como sintoma dos projetos colonizantes, quanto ferramenta para a instauração dessas hegemonias (OYĚWÙMÍ, 2021, originalmente publicado em 1997).

O título do trabalho denuncia que pretendo abordar a jornada da heroína e — por consequência — a jornada do herói. A meu ver, é inviável pensar em hegemonia e suas tecnologias sem pensar narrativas. Narrar, em sua definição mais ampla, é uma das maiores maneiras de produzir e disseminar imaginários, com uma relevância ainda mais explícita ao pensarmos na colonização para além dos limites do mercantilismo e das invasões físicas de nações pela Europa e, mais tarde, EUA. As narrativas (e considero que a intelectualidade também é uma narrativa), constroem a realidade, nossas percepções de mundo e como interagimos com ele (OYĚWÙMÍ, 2021), daí a importância de localizar e questionar a cosmopercepção² sobre qual as narrativas se constroem e quais elas criam ou propagam. *A Jornada da heroína: A busca da mulher para se reconectar com o feminino* (MURDOCK, 2021, publicado originalmente em 1990), por exemplo, não pode ser desarticulada do texto que responde: *O herói de mil faces* (CAMPBELL, 2013, publicado originalmente em 1949).

¹ Utilizo “ocidental” aqui seguindo a lógica de Oyěwùmí e outras autoras decoloniais, me referindo às culturas eurocêtricas e EUA, incluindo aqueles países que sofreram suas influências, colonialismo e imperialismo, mas dando maior enfoque ao norte global, estando ciente que o termo pode sofrer reinterpretações e debates acerca do que se entende como ocidental ou oriental.

² O termo é usado por Oyěwùmí em *A invenção das mulheres* para referir-se a uma concepção de mundo compartilhada por diferentes grupos culturais.

1949. Os esforços dos EUA para se tornar foco das articulações geopolíticas foi oficializado com a criação da OTAN. Nessa altura, as dinâmicas ocidentais já tinham se alterado pela Revolução Francesa, depois pelas Revoluções Industriais, pela Primeira Guerra Mundial (que apesar do nome foi majoritariamente europeia), pelo holocausto e a bomba atômica. Do feudalismo, mercantilismo, imperialismo, neocolonialismo e tantos outros ismos que os homens nomearam, a dominação europeia estava mais do que estabelecida. É nesse contexto que Joseph Campbell publica o *Herói de mil faces*, estudo de um enxerto de narrativas mitológicas que transformou a forma do ocidente de contar suas histórias.

Não cabe a mim tratar das intenções de um autor. Qualquer análise por esse caminho seria irresponsável, pouco verdadeira e não teria alguma relevância real para compreender as teorias e pensamentos que vieram depois. O que posso dizer, no entanto, é que depois da publicação de Campbell, sua teoria de um monomito e sua “fórmula geral humana para homens e mulheres” (CAMPBELL, 2013, p.121) se tornou, justamente, uma fórmula para criar histórias. Esse efeito ficou mais claro com o sucesso de *Star Wars*, que George Lucas desenvolveu inspirado no trabalho de Campbell. O primeiro filme foi lançado em 1979 e, em 92, Christopher Vogler publicou *A jornada do escritor*, consolidando o monomito de Campbell como um manual de criação. *O herói de mil faces* se desdobrou como a *jornada do herói* e seus doze passos — do chamado à aventura ao retorno com o elixir. Assim, o que poderia ter sido mais uma produção bastante sintomática das tendências essencialistas e universalizantes das produções de conhecimento ocidental, se torna também uma das maiores ferramentas para a propagação dessa cosmopercepção. As imagens dessas narrativas como descritas por Campbell — tão numerosas e impulsionadas pelas grandes mídias ao longo das últimas décadas — influenciam os imaginários ocidentais e onde quer que o ocidente exerça sua influência.

Apesar da *jornada do herói* ter se tornado um manual para escritores e roteiristas, a noção de narrativa com que Campbell trabalhava era um tanto mais ampla, o que reforça a importância de tratar dessas teorias para além da produção literária e da indústria cultural. Para ele, a jornada não se tratava de uma regra mitológica, mas sim uma verdade humana: “Assim é a regra geral? Assim é a própria vida.” (CAMPBELL, 2013, p.118). Compreender “narrativa” como um constituinte da nossa percepção de mundo nos torna apto a entender a dimensão da violência que é negar o direito de voz, excluir dos púlpitos, do rol dos que controlam as histórias; e a incansável luta por serem ouvidas e, nas narrativas que usam como confessionário, púlpito, atril e mensageiras da justiça, possam tecer e transmitir sabedorias de tempos e povos que o *homem das letras* ocidentocêntrico³ é incapaz de alcançar (TATAR, 2021).

O próprio Campbell reconheceu a influência da colonização nos processos que estudou. No entanto, seu reconhecimento funciona para separar o que ele considera complexo do que é menos

³ O termo é utilizado por Oyěwùmí em *A invenção das mulheres* no lugar de *eurocêntrico* para incluir, além da Europa, o EUA.

desenvolvido, daquilo que é um “centro de cultura mais elevado e adaptado às necessidades de uma sociedade menos complexa” (CAMPBELL, 2013, p.289). Quão significativo é que ele nomeie uma categoria para esses mitos que não pertencem ao “centro de cultura elevado” e que sua definição para as “mitologias folclóricas” seja “tradições subdesenvolvidas ou degeneradas” (CAMPBELL, 2013, p. 189).

Quão significativo é que parte dessas tradições sejam justamente as oraliteratura⁴ transmitidas de geração para geração, contos tradicionais que tiveram sua autoridade e propriedade intelectual negadas, marginalizados à fofoca, frivolidades e bruxaria, o mais afastado possível de qualquer coisa considerada uma fonte confiável de cultura ou sabedoria. O “saber” era dos mitos, impressos por homens e grandes empresas (TATAR, 2021). É fato que na época em que Campbell escreveu *O herói de mil faces*, essas discussões ainda estavam em germinação, mas, mais de 70 anos depois, essa jornada continua sendo passada adiante sem que essas críticas sejam consideradas. A influência duradoura das ideias dele se mantém um tanto isenta das problemáticas que, já há muito tempo, foram esclarecidas.

Com esse contexto, não é surpreendente que nesse monomito as mulheres (Campbell usa *a mulher*, no singular) só possam assumir a posição de Mãe Universal, que protege e nutre; da provação, rainha do pecado ou da esposa no casamento mítico, o último desafio do herói, em que se prova seu mérito (CAMPBELL, 2013). Quantos paradoxos cabem nessa estrutura? Nessa mulher, que é o auge da aventura sensual, mas que se não for acompanhada da aparência de castidade se tornam a tentação, “demônios do sexo feminino” (*idem*, p.125). Nessa mulher, que representa a totalidade do que pode ser conhecido, mas que “jamais pode ser maior que ele” (*idem*, p.117). Nessa mulher que, se por acaso estiver na posição do herói na jornada, em uma inversão de papéis (como se esse fossem naturais), e se provar apropriada a ser consorte de um imortal (no equivalente ao herói que se torna mestre da vida) será levada ao seu leito “quer queira, quer não” (*idem*, p.119).

E quem é essa mulher? Quem ela foi antes de encontrar o herói? O que ela é para além dele? Apesar dele? O que ela se torna depois do “quer não”? Isso, as 12 etapas não nos dizem.

Já eram os anos 2010. Um professor sugeriu para uma turma de teatro para adolescentes que fizessem uma apresentação baseada em *A Bela Adormecida*. Eu estava naquela turma. Na noite de distribuir os papéis, nos sentamos em roda e fizemos algumas leituras do texto, intercalando personagens e atores. Definir quem faria quem nunca tinha sido difícil, a escolha era quase sempre óbvia. Até não ser.

Todas as meninas se recusaram a interpretar a princesa. O professor não poderia ter ficado mais confuso. Aquela, para ele, era a personagem de mais destaque e todas brigariam por ela, não para fugir do papel.

⁴ Termo usado por Oyèwùmí em *A invenção das mulheres* para englobar as narrativas produzidas e reproduzidas no meio oral de forma oral, seja contação de histórias, cantigas, provérbios etc.

A variedade de idade e maturidade nisso que chamam adolescência é tão ampla quanto a variação de temperaturas em um deserto. Algumas de nós sabíamos que tinha algo errado, mas não o quê. Outras sequer sabiam, só sabiam que não queriam o papel. A mais velha entre nós foi quem verbalizou o sentimento: não havia nenhum interesse em aceitar um papel que passa a maior parte do tempo em coma. Queríamos ser a Malévola. Tinha mais tempo de palco, mais falas, mais nuances. Mais relevância. O professor não entendia.

Para ele, assim como para Campbell, aquela princesa era “o modelo dos modelos da perfeição, a resposta a todos os desejos, de onde provêm as bençãos da busca terrena ou divina de todo herói. É a mãe, a irmã, a amante e a noiva,” (CAMPBELL, 2013, p.112) e não haveria motivo para uma menina não querer ser esse modelo. Para nós, ela era apenas mais um lembrete desconfortável daquele não-lugar, do momento em que você procura referências para o que quer dizer, para o que está sentindo, para o que nem sabe que precisa e encontra silêncio, coma e a passividade da princesa que espera o beijo de salvação. É o lugar do Outro⁵ em uma sociedade que não te pertence.

Foram quatro décadas entre a publicação de *O herói de mil faces* e um estudo que mostrasse a existência de, no mínimo, um vácuo no estudo de narrativas, no qual deveriam estar as intelectualidades de mulheres de diferentes recortes de raça, classe, geolocalização e sexualidade. Foi com um sentimento similar ao ecoado por uma pequena turma de teatro adolescente que Maureen Murdock se debruçou sobre o mesmo campo de Campbell e buscou tecer a narrativa que o herói silenciava: sua heroína.

Murdock e outras escritoras que seguiram seu exemplo tiveram o importante papel de abordar o mito da inferioridade feminina nas sociedades ocidentais, uma narrativa estruturante das nossas ideologias de gênero. Elas pegaram a caneta, mostraram que tinham voz, falaram sobre a falta de representatividade, dos efeitos danosos de representações estereotipadas e do apagamento sistêmico de culturas, crenças e histórias que não se enquadram — e nem deveriam — no padrão patriarcal-branco-cis-hétero-normativo ao qual o ocidente se apegava.

A jornada da heroína: A busca da mulher para se reconectar com o feminino foi publicado em 1990 nos EUA, país de origem da autora, mas só em 2021, trinta anos depois, o livro foi traduzido para o português e ganhou destaque nos círculos literários do Brasil. Mesmo em outros países e nos próprios EUA, a relevância e autoridade conferida à obra teve uma escalada gradativa e árdua, tendo seus pontuais momentos de estrelato nas grandes mídias com escritores e roteiristas que passaram a usar a jornada de Murdock da mesma forma que fizeram com a *jornada do herói*. Pouco a pouco — aqui, mais uma vez, não cabendo divagações acerca de qual seriam as intenções iniciais da autora — a proposta de Murdock também se tornou uma fórmula de histórias. Dessa vez, ainda com um apêndice: é uma fórmula para contar histórias “feministas”.

⁵ O *Outro* é um conceito inicialmente antropológico, depois trabalhado na psicanálise, psicologia e sociologia, especialmente estudado pela comunidade negra na luta antirracista e expandido pelas mulheres negras na elaboração da teoria de *interseccionalidade*. Sua citação aqui é um empréstimo de tais matrizes de saber negro e africano, que devem ser consultados para elaboração do tema.

Acredito que mais do que etapas de transformação de algumas personagens mitológicas, a *jornada da heroína* foi um divisor de águas e um sinal claro de que a *jornada do herói* não pode, como seu autor afirmava, ser considerada uma lei universal e atemporal (CAMPBELL, 2013). Ela exemplifica como, ainda usando as mesmas mitologias de base, ainda na mesma posição geopolítica, ainda no mesmo contexto socioeconômico e racial — ainda com tudo isso — já temos uma nova trajetória e uma nova história em mãos. O que Murdock faz é olhar para aquela mulher que Campbell descreveu e tecer o que seria a percepção de mundo *dela*. Uma diferença pequena em termos práticos, que revela o abismo construído entre as noções de *homem* e *mulher* na cosmo percepção ocidental.

Como diz no próprio título, a *jornada da heroína* não se preocupa com a busca do elixir, da imortalidade ou do controle sobre a vida, o que essa heroína que Murdock teoriza anseia é por se encontrar dentro da sociedade e de si, desenvolver uma voz que seja dela. Seu desafio inicial não é se afastar do mundo comum e aceitar uma aventura, mas se separar de sua mãe e do arquétipo da mãe que ela deveria se tornar. Sua missão não é um retorno glorioso com o elixir da sabedoria e imortalidade, mas curar o feminino violentado pelo patriarcado (MURDOCK, 2021).

Leio essa jornada quase como um presente para aquela mulher sem nome e sem plural de Campbell. É uma carta dos seus possíveis sentimentos, da busca por validação imposta pelo ensinamento de ser sempre inferior, da dor dessa escritora que se viu excluída dos espaços políticos e religiosos por conta do gênero que lhe foi designado. É sobre o crescer e quando a fantasia do herói e do resgate cai por terra e por trás da cortina, sua natureza é subjugada e eis o momento, “quando morre a promessa por tanto tempo mantido” (MURDOCK, 2021, p.97).

A presença cada vez maior da jornada de Murdock nas discussões acadêmicas, assim como sua popularidade entre os produtores de narrativas e da alta identificação vinda do público feminino ocidental, deixa claro que esse é um ponto de vista longe da irrelevância ou do incorreto. Ao contrário, é uma virada no entendimento e no uso da jornada do herói. É, no entanto, uma visão ainda incompleta.

Digo incompleta para reforçar que, assim como a própria autora diz tantas vezes, a solução para as faltas e confrontos nessa área de debates não está em apagar ou ignorar o que já existe. Seria repetir o erro dos colonizadores. O estudo de Murdock não é incorreto, tampouco as análises de Campbell podem ser chamadas de errôneas e descartadas. Na mesma medida, não podemos, como produtores de conhecimento no ocidente, continuar a alimentar essa suposição acrítica de que nossas categorias são universais (OYĖWÙMÍ, 2021).

Se pensarmos na *jornada da heroína* como uma produção feminista, logo a enquadraremos na grande gama de pensadoras que trabalharam em desnudar os homens das ideias e mostrar que mesmo os discursos intitulados objetivos e científicos, são masculinamente tendenciosos, mas essas mesmas lentes ignoram que junto ao patriarcado, articulam-se raça e classe, estruturas de opressão que se alimentam mutuamente e se fortalecem uma na outra (OYĖWÙMÍ, 2021). Murdock crítica em Campbell a rigidez binária de gênero e mito da inferioridade feminina, mas cai na armadilha de conter em si, aquilo que tenta enfrentar (OYĖWÙMÍ, 2021). Considerar algo universal é ignorar que qualquer

pesquisa parte de um recorte como base para que ela aconteça, e assim, não é de se surpreender que os pesquisadores debatam aquilo que estavam procurando. As estruturas que encontram são as que já buscavam. Como isso as torna universais?

Dessa forma, antes de prosseguirmos, é essencial que o meu recorte seja claro: sou uma mulher branca de classe média, latina, bissexual, com um currículo acadêmico pautado quase inteiramente na cultura euroderivada e nas influências dos EUA. O lugar do qual falo é um tanto próximo ao de Murdock e de outras feministas brancas, minhas perspectivas estão bem longe de alcançar a complexidade e totalidade de culturas não-ocidentais e não-brancas. Isso deve ficar claro porque, para a continuidade destas reflexões, trago a interseccionalidade como ferramenta de análise. Esses são estudos e saberes produzidos por mulheres negras, latinas, africanas, caribenhas e com recortes de raça e classe diferentes da minha. É uma produção que não me pertence e que faço uso aqui com o objetivo exclusivo de questionar os alicerces da nossa branquitude, a responsabilidade que temos hoje na propagação do racismo estrutural e na produção de novos saberes universalizantes e homogeneizantes que pouco fazem além de reforçar violências neocoloniais e epistemicídios.

Comecei esse ensaio falando sobre o singular. É por conta desse singular, o singular da superinclusão, que digo com veemência que as jornadas aqui citadas se enquadram na categoria dessas produções violentas. Ao estruturar seu trabalho em termos generalizantes — a jornada, o feminino, a mulher, a deusa, o pai — Murdock reforça a ideia de uma mulher universal, de um feminismo universal, de problemas universais e verdades universais.

Universalizar a experiência do que é ser mulher — ou o conceito de mulher e gênero — como ser mulher ou dos desafios que essa mulher enfrenta em seu caminho, só nos faz trocar uma imposição por outra. É uma experiência ocidental e branca que se disfarça de universal (OYĖWŪMÍ, 2021).

Em *The virgin's promise*, outra proposta de jornada arquetípica para mulheres que não se viam no monomito de Campbell, Kim Hudson (2009) diz que sua jornada e a do herói podem ser lidas como complementares ou paralelas, ela fala sobre expandir o sistema universal para incluir a trajetória da Virgem. É expandindo o “espectro” de universalidade que o ocidente reforça o comodismo da colonialidade que se sustenta na exploração do Outro.

Um dos princípios teorizados na interseccionalidade é a possibilidade de ser oprimida ao mesmo tempo que corrobora com violências (AKOTIRENE, 2019). Daí sua relevância para tratar do trabalho de Murdock: sua contribuição para a autoridade de narrativas femininas não anula seu papel na manutenção de imaginários racistas-cis-patriarcais-heteronormativos e vice-versa.

A exemplo disso, Murdock se coloca contra dualidades extremistas e cita Mary Richie Key para abordar relatos de comunidades matrifocais e matrilineares anteriores à bárbara colonização europeia, enquanto também afirma que “Descobrir sobre *ser* e não *fazer*, é a tarefa sagrada do feminino” (MURDOCK, 2021, p.148). Isso, tal como a relevância de um “sucesso” no mundo masculino de trabalho em uma das fases de sua jornada — quando colocado de forma universal ao conceito de mulher, no singular — ignora toda uma classe e história de mulheres não-brancas e não-burguesas em que o

fazer foi e é um determinante para a sobrevivência, que o *fazer* delas ergueu nações — a estadunidense e a brasileira inclusas — que o mercado de trabalho nunca esteve disponível, pois seus corpos eram escravizados, e que seu conceito de sagrado pode estar um tanto quanto distante das referências gregas e norte-globais. É ignorada a realidade das mulheres negras e não-brancas, que a séculos gritam a inexistência de um tempo para parar de trabalhar, de culturas, inclusive a latina, em que a mãe não é uma figura impotente, que faça a filha se envergonhar do gênero — como dito por Murdock — e sim mulheres que lutam para superar um estereótipo oposto: da matriarca preta sobrenatural, guerreira que tudo aguenta e suporta (AKOTIRENE, 2019). Essas realidades não nem pinceladas ou tateadas e “Se não se nomeia uma realidade, sequer serão pensadas melhorias para uma realidade que se é invisível” (AKOTIRENE, 2019, p. 70).

Murdock reconheceu que a criação de mitos não é estática e sim um processo contínuo (MURDOCK, 2021). Isso não vale só para nossos mitos. Nossas narrativas, imaginários, nossa cosmopercepção é inventada e que positiva pode ser essa noção quando entendemos que sendo inventadas, podemos reinventá-las, que elas são dinâmicas e partem das pessoas e de suas experiências (OYĚWÙMÍ, 2021).

Me pergunto que histórias teríamos se nos livrássemos das amarras de uma fórmula geral das narrativas. Se pudéssemos esquecer a jornada do herói e a jornada da heroína, se nosso escopo individual tivesse menos narrativas universalizadas — que mais atendem ao mercado — quais e quão numerosas seriam as histórias que diferentes sociedades criariam?

A pensadora iorubá Oyèrónkẹ Oyěwù mí escreveu: “A noção de tradições inventadas não implica necessariamente desonestidade; o processo é geralmente muito mais inconsciente” (OYĚWÙMÍ, 2021, 134). Uma parte minha acredita que essas jornadas devam ser deixadas ao mundo do inconsciente e nele habitar. Se houver um monomito, que seja espontâneo e nunca vendido como receita para um best-seller. Se houver uma verdade universal, que sejamos humildes de reconhecer que não a entenderemos nessa vida. Afinal, foi um homem branco, cis, de classe média e europeu quem disse: “There are more things in heaven and earth, Horatio, Than are dreamt of in your philosophy.” (SHAKESPEARE, 1998, p.32)⁶.

Este também é um trabalho incompleto. Seria impossível abordar todas as interdisciplinaridades, cruzamentos, interseccionalidades e reverberações desses temas no espaço que tenho, tampouco com o conhecimento que tenho até aqui. Esse trabalho continuaria sendo incompleto mesmo depois de uma vida dedicada a ele e fazer as pazes com isso também inclui entender que intelectualidade não se constrói sozinho, em grandes mentes incompreendidas, em círculos exclusivos de acadêmicos excepcionais. A intelectualidade está nessa constante tecelagem de histórias e nas pérolas de sabedoria que elas guardam para o futuro. Está no plural, não no singular.

⁶ Em tradução livre: “Há mais coisas no céu e na terra, Horácio, do que sonha sua vã filosofia.”

Joseph Campbell nos lembra que somos os ancestrais daqueles que estão por vir (CAMPBELL *apud* TATAR, 2021). A ancestralidade branca que temos agora não é uma da qual podemos nos orgulhar, uma que nos ensina o que não fazer, de forma clara, mas uma que nos deixou a responsabilidade da reparação e a qual não podemos recorrer na busca por um mundo melhor. Minha vontade, uma vontade egocêntrica e prepotente, duas coisas que devo ter herdado do ocidente, é que eu e outras irmãs possamos ser vistas, um dia, como ancestrais que oferecem esse respaldo e que seja um guia de como, ao menos, não cometer os mesmos erros.

Transcrevo aqui uma das mais belas frases que cruzaram meu caminho nesse mundo, nesse espaço e nesse tempo: "quando rejeitamos a história única, quando percebemos que nunca existe uma história única sobre lugar nenhum, reavemos uma espécie de paraíso" (ADICHIE, 2009, p. 33).

No que todos esses autores concordam, de Campbell à Tatar, é sobre a importância das histórias. Chimamanda Ngozi Adichie disse uma vez: "As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada." (ADICHIE, 2009, p. 32).

São nessas narrativas que deposito minhas esperanças.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. S.I: Companhia das Letras, 2019. 64 p. Tradução de Julia Romeu.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. S.I: Pólen Livros, 2019. 152 p. (Coleção Feminismos Plurais). Coordenação de Djamila Ribeiro.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Editora Pensamento, 1989. 416 p. Tradução de Adail Ubirajara Sobral.

HUDSON, Kim. **The Virgin's Promise**: writing stories of feminine creative, spiritual and sexual awakening. S.I: Michael Wiese Productions, 2010. 180 p.

MURDOCK, Maureen. **A jornada da heroína**: a busca da mulher para se reconectar com o feminino. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2022. 224 p. Tradução de: Sandra Trabucco Valenzuela.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ. **A invenção das mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. S.I: Bazar do Tempo, 2021. 324 p. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento.

SHAKESPEARE, William. **Hamlet**: Prince of Denmark. S.I: Project Gutenberg, 1998. 125 p. Texto preparado por Dianne Bean. Texto em domínio público.

TATAR, Maria. **A heroína de 1001 faces**: o resgate do protagonismo feminino na narrativa exclusivamente masculina da jornada do herói. S.I: Cultrix, 2022. 432 p. Tradução de Sandra Trabucco Valenzuela.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br